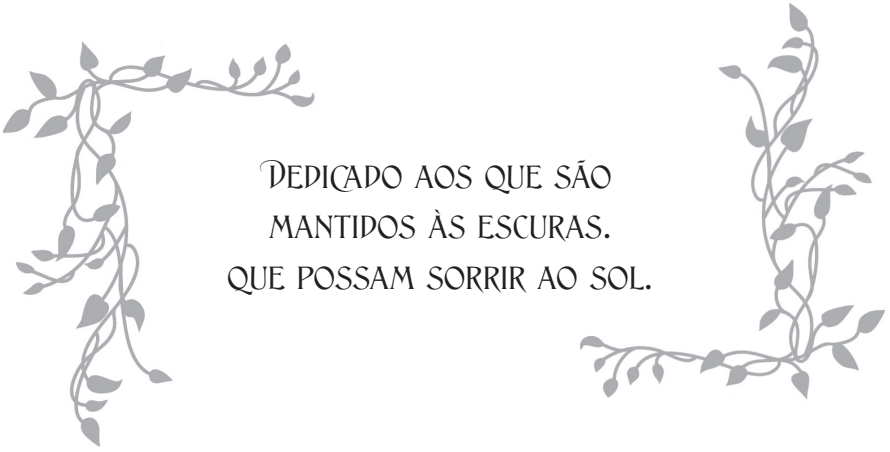
gleam

série a prisioneira dourada

raven kennedy

Tradução de Rui Azeredo

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina


Dedicado aos que são
mantidos às escuras.
Que possam sorrir ao sol.

PRÓLOGO

AUREN

Dez anos antes

O céu não canta aqui.

Não dança nem brinca, não se afunda na minha pele com um perfume doce, nem passa como uma brisa pelos meus cabelos com um beijo fresco.

Não como fazia em Annwyn.

A chuva cai e a água alaga o chão, mas nem isso lava o odor fétido deste lugar. O Sol põe-se e a Lua nasce, mas não há harmonia com as deusas que dormem nas suas estrelas feitas de casca de ovo. Este horizonte é tépido e incapaz.

Nada parece tão vivo aqui como em casa. Mas talvez sejam apenas as memórias faz de conta de uma menina. Talvez Annwyn não fosse de todo assim, e eu esqueci.

Se sim, preferia continuar a fingir. Gosto da forma como é na minha mente — repleta de uma vivacidade que saturou todos os meus sentidos.

Aqui, os meus sentidos também se encontram saturados, mas não no bom sentido.

Porto Derfort continua encharcado da chuvada desta manhã. Tudo aqui está sempre alagado, ou pelo mar ou pelo céu. Por vezes, ambos. Não há um único telhado de madeira de duas águas que não esteja encharcado ou uma porta desgastada que não esteja a descascar devido à humidade opressiva.

As nuvens muitas vezes puxam tempestades do mar e atiram-nas para aqui. Não há nada de purificador na chuva. Ela simplesmente afunda-se no mar que a alimentou, a tresandar a peixe enquanto alaga as ruas lamacentas.

O ar está peganhento hoje, com uma humidade que encharca o meu vestido e me pesa nos pulmões. Terei sorte se as minhas roupas secarem quando as pendurar esta noite, terei sorte se o meu cabelo ficar outra coisa que não húmido e frisado.

Mas ninguém olha para o meu cabelo ou para as minhas roupas, seja como for. Os olhares gananciosos recaem sempre nas minhas maçãs do rosto douradas, percorrem a minha pele dez tons demasiado cintilantes para ser real. É por isso que me chamam rapariga pintada. A órfã dourada de Porto Derfort. Não importa os trapos que vista, há uma riqueza absurda sob as minhas roupas ensopadas. Uma riqueza inútil da minha pele que não faz nada, mas que causou *tudo*.

Ao longo da rua do mercado, as lonas dos vendedores continuam às escuras, as sacas de sarapilheira saturadas, as carretas cobertas e a pingar. Fecho os olhos e inspiro, tentando fingir que não sinto o cheiro pungente a ferro do fabricante de âncoras. Não sinto o cheiro das tábuas de madeira encharcadas dos navios atracados. Não sinto o cheiro dos caixotes de peixe a estrebuchar misturado com a areia salgada da praia.

A minha imaginação não basta para afastar o fedor.

É claro que o ar poderia cheirar um pouco melhor se eu não estivesse sentada em cima do caixote do lixo da taberna. Por mais terrível que seja o cheiro a cerveja choca, este lugar é dos mais secos e mais escondidos, tornando-o numa propriedade valiosa.

Mudo de posição na tampa de metal enquanto me encosto ao edifício atrás de mim, percorrendo a viela do mercado com o olhar. Não devia estar aqui. Devia continuar a mexer-me, mas até isso é um grande risco. O Zakir tem demasiados olhos na cidade. É apenas uma questão de tempo até ser apanhada, esteja eu num sítio ou não. Estou a esconder-me dele, dos deveres que depositou sobre mim. Escondo-me dos bandidos dele que percorrem as ruas, a vigiar as crianças pedintes — não para segurança delas, mas para se certificarem de que mais ninguém se infiltra no território do Zakir ou rouba os ladrões dele.

Estou escondida num lugar onde não há esperança de permanecer escondida.

Parecendo puxado, o meu olhar ergue-se, passando entre duas tendas de venda para ver o mar lá ao fundo. Vejo as velas dos navios atracados, as suas silhuetas como nuvens ancoradas que tentam puxar para o céu. O meu

estômago cinge-se ao vê-los, à provocação que me lançam para escapar. Uma tentação de liberdade a balançar mesmo ali no horizonte.

É uma mentira.

Os passageiros clandestinos são punidos de forma severa em Derfort, e seria uma tola em tentá-lo. Mais de uma mão-cheia de miúdos do Zakir *tentaram*, e não viveram para contar a história. Não creio conseguir alguma vez esquecer a forma como as gaivotas picaram a carne esfolada deles de onde pendiam, os corpos deixados a balouçar com a brisa da maré e a contrair-se sob a chuva salgada.

Aquele cheiro, acima de qualquer outro, é de longe o pior.

— Mas o que raio pensas que estás a fazer?

Encolho-me de tal maneira que raspo o braço nos tijolos ásperos de calcário nas minhas costas quando o Zakir surge no meu lugar escondido, pairando sobre mim como uma ameaça.

Olhos castanhos fulminam-me desde um rosto ruborizado, com o queixo ponteado de pelos faciais com uma semana que parecem os espinhos de um cato. Consigo cheirar o álcool nele, tão forte que se sobrepõe ao lixo sob mim. Anda nos copos há horas, provavelmente.

— Zakir. — Não consigo esconder a culpa na minha voz, praticamente incapaz de o olhar nos olhos quando deslizo para baixo do meu sítio para me pôr de pé perante ele.

Ele assenta as mãos nas ancas, fazendo com que o colete cinzento-esverdeado que enverga revele o seu peito hirsuto.

— Tens cera nos ouvidos? Perguntei o que raio estás a fazer?

A esconder-me. A sonhar. A fingir. A evitar.

Como se conseguisse ouvir a resposta silenciosa na minha mente, fita-me com desdém, os dentes manchados pelo fumo do cachimbo e canecas de *Henade*. Lábios cortados por demasiadas asneiras, pontapés verbais e negócios cruéis.

Desde a chegada da Lua longa que marcou o Ano Novo, os deveres que o Zakir me deu mudaram. Pelas contas dele, tenho 15 anos. Uma oreana adulta.

— Estava só… — Não me vem à boca uma desculpa suficientemente rápida.

O Zakir bate-me na nuca, fazendo com que o meu pescoço dê um solavanco para a frente. É o único lugar onde me bate, agora. A minha pele dourada pisa com uma cor escura e polida com bastante facilidade, mas ninguém consegue ver as marcas sob o meu cabelo.

— Era suposto estares na Solidão há uma hora! — rosna-me ele, aproximando-se do meu rosto. — O canalha veio gritar comigo a dizer que não

apareceste, e o tipo que te tinha a vigiar disse que deves ter-te escapulido pela porta dos fundos.

Errado. Escapei pela janela partida da cave. Era mais fácil para mim escapar pela rua das traseiras da estalagem. A outra opção teria sido a viela do lado, sempre cheia de cães ferozes a lutar pelos restos deixados nos caixotes do lixo.

— Estás a ouvir-me, foda-se?

Pego nas minhas saias encardidas e aperto, como se quisesse fazer estalar o som da voz dele até rebentar como uma uva.

— Não quero voltar à Solidão.

A minha voz rola como um berlinde irregular pelo chão. Nem sequer gosto de *pensar* sobre a estalagem, quanto mais falar sobre ela. Apesar do nome, solidão será a última coisa que vou encontrar lá. Ali, onde a minha inocência foi roubada como dedos leves enfiados em bolsos de estranhos na rua. Tudo o que encontrarei na Solidão é a opressão de olhares indesejados, a armadilha de toques nojentos.

O rosto do Zakir endurece, e penso que vai voltar a bater-me na cabeça com os seus dedos gordos com anéis, mas não o faz. Pergunto-me quantas das minhas moedas ganhas com muito esforço pagaram aquelas gemas preciosas incrustadas em ouro.

— Quero lá saber o que tu queres. Tu trabalhas para *mim*, Auren.

O desespero cinge-me a garganta, cortando-me a respiração com o seu aperto.

— Então, mande-me de volta para as ruas para mendigar na esquina ou roubar os mercadores — imploro. — Só não me mande para ali. Não consigo fazer *aquilo* outra vez. — Os meus olhos enchem-se de lágrimas, inadvertidamente. Mais uma coisa em Delfort que alaga.

O Zakir suspira, mas aquele esgar odioso não lhe sai do rosto.

— Ugh, não me dês esse espetáculo choroso. Mantive-te fora da cama este tempo todo, o que, garanto, é mais do que a maioria dos traficantes de pessoas teria feito. Se não me dás lucro, então não tenho necessidade nenhuma de te manter — avisa. — A tua vida é boa comigo. Lembra-te disso, miúda.

Boa.

Aquela palavra vibra na minha cabeça quando penso na minha vida nos últimos dez anos. Muitos outros miúdos vieram e foram, mas eu fiquei mais tempo pois a minha estranha pele dourada atrai-lhe o tipo de atenção que ele tornou lucrativa. Mas nem uma vez, em todo esse tempo, alguma vez diria que a minha vida era *boa.*

Forçada a mendigar nas ruas durante todo o dia e roubar carteiras à noite, tive de aprender a fazer com que a minha aparência estranha funcionasse em meu favor enquanto vagueava pela cidade portuária. Era isso ou limpar a casa

do Zakir de cima a baixo, esfregando as superfícies até os meus dedos gretarem e me doerem os joelhos. Embora fosse impossível limpar a cave. Pingava sempre frio, bolor e solidão.

Há normalmente dez a trinta de nós lá em baixo, amontoados sob cobertores a apodrecer e sacos velhos. Miúdos vendidos e comprados e postos a trabalhar. Miúdos que nunca brincam nem aprendem ou riem. Dormimos e conseguimos moedas e é isso, basicamente. A amizade é sempre esmagada, inexistente, enquanto a mesquinhez e a competitividade são cultivadas constantemente sob o olhar vigilante do Zakir. Meros cães a salivar para lutar uns contra os outros por um osso.

Mas tenho de ver o lado positivo. Pois mesmo não sendo bom… podia ser pior.

— O que pensavas que ia acontecer? — bufa ele, como se eu fosse uma idiota ingénua. — Sabias que isto estava para vir, pois viste as outras raparigas. Conheces as regras, Auren.

Olho-o firmemente nos olhos.

— Ganho para o meu sustento.

— É isso mesmo. Ganhas para o teu sustento. — O Zakir avalia-me, detendo o olhar na minha bainha enlameada com um tossir frustrado, vindo da garganta queimada pelo cachimbo. — Estás toda suja, rapariga.

Normalmente, estar suja faz parte do papel de criança órfã mendiga, mas já ultrapassei essa fase. Ter quinze anos significa que o Zakir me mudou as roupas de trapos remendados para vestidos de senhora.

Quando me comprou o meu primeiro vestido, pensei que estava bonita. Na verdade, fui suficientemente estúpida para pensar que ele mo dera como presente de aniversário. Tinha rendas cor-de-rosa verdadeiras na frente e um laço nas costas, e era a coisa mais bonita que eu já vira desde que moro aqui.

Mas isso foi antes de me aperceber que um vestido bonito significa uma coisa feia.

— Vai para a Solidão — diz-me o Zakir, cujo tom afasta qualquer hipótese de discussão.

O pavor instala-se no meu estômago quando os olhos dele se arrastam de novo para cima.

— Mas…

Um dedo com uma unha amarelada aponta para a minha cara.

— O cliente pagou por ti, e é isso que ele vai ter. Os locais esperaram anos para a rapariga dourada pintada crescer. Tens alta procura, Auren. Uma procura que *eu* aumentei ainda mais ao fazê-los esperar… outro facto pelo qual deverias estar grata.

Bom. Grata. O Zakir usa estas palavras, mas não estou certa de que saiba o que significam.

— Graças a mim, fiz de ti a puta mais cara em Derfort, e nem sequer estás num bordel. As selas estão a ferver de inveja. — Ele di-lo como se fosse algo por que ficar orgulhosa, como se ele estivesse todo contente por até as outras putas não gostarem de mim.

Ele coça a bochecha, com os olhos cheios de ganância.

— A miúda mendiga pintada a ouro de Porto Derfort tem finalmente idade para comprarem uma noite entre as pernas dela. Não vou deixar que arruínes a minha oportunidade de ganhar esse dinheiro, *nem* que arruínes a minha reputação nas ruas — diz ele com uma voz rouca como as águas no meio de uma tempestade.

Enfio as unhas na palma da mão quando cerro os punhos e o espaço entre as minhas omoplatas formiga, fazendo comichão. Se fizesse diferença eu raspar a minha pele e arrancar o meu cabelo, fá-lo-ia. Faria qualquer coisa para me livrar do brilho do meu corpo.

Houve noites em que tentei fazer justamente isso enquanto as outras crianças dormiam. Mas, ao contrário dos rumores que voam por Derfort, não sou pintada. Este ouro nunca sairá, não importa quantas vezes me lave ou esfregue até ficar em carne viva. A nova pele e o cabelo crescem sempre a brilhar, tal como antes.

Os meus pais chamavam-me o seu pequeno Sol, e eu costumava ter orgulho do brilho. Mas neste mundo cheio de oreanos embasbacados e um céu despojado, tudo o que quero é não ter brilho. Encontrar por fim um esconderijo onde ninguém possa encontrar-me.

O Zakir abana a cabeça, com os olhos raiados a sangue de longas noites de jogatina, uma nuvem perpétua de fumo sempre a pairar em volta dele. Parece hesitar por um instante antes de se encostar para trás de braços cruzados e dizer:

— O Barden Leste anda a sondar-te.

Arregalo os olhos.

— O q-quê? — pergunto, soprando o murmúrio receoso por entre os lábios.

Barden é outro traficante de pessoas aqui no porto. Comanda a zona leste — daí o segundo nome que ele adotou — mas, ao contrário do Zakir, que é algo tolerável, ouvi dizer que o Barden… não é.

O Zakir teve a decência de esperar até eu ser considerada adulta antes de me tornar numa sela para marinheiros de passagem e habitantes locais. Mas, em Derfort, diz-se que o Barden é o pior dos traficantes de pessoas, que

não possui tal decência. Ele não lida com crianças mendigas e carteiristas que se possa castigar. A riqueza dele vem de assassinos e piratas, do tráfico de pessoas e da prostituição. Nunca fui para o lado leste, mas os rumores dizem que a forma como o Barden trata dos seus negócios faz com que o Zakir pareça um santo.

— Porquê? — pergunto, embora a palavra saia truncada, a garganta demasiado apertada com um nó ameaçador que parece enrolado no meu pescoço.

Ele lança-me um olhar seco.

— Sabes porquê. Pelo mesmo motivo que as selas no bordel começaram a pintar a pele de cores diferentes. Tu tens um certo… *encanto,* e agora que és uma mulher...

Sinto a bílis subir pela minha garganta. É curioso como parece saber a água do mar.

— Por favor, não me venda a ele.

O Zakir dá um passo em frente, encurralando-me contra a parede do edifício. O meu pescoço arrepia-se com a proximidade dele, a pele ao longo da minha coluna a saltar como se o meu medo quisesse sair.

— Fui indulgente, pois de todos os outros foste tu quem me fez mais dinheiro nas ruas — diz-me ele. — As pessoas adoravam dar moedas à rapariga pintada. E se não o fizessem, tu conseguias distraí-las o suficiente para as sacar dos bolsos delas mais tarde.

Sinto a vergonha a rastejar pela minha garganta. O que pensariam os meus pais de mim se me vissem agora? O que pensariam da mendigagem, do roubo, das lutas com os outros miúdos?

— Mas tu já não és uma miúda. — O Zakir passa a língua sobre os dentes antes de cuspir uma gosma poluída no chão. — Se me voltas a desobedecer, lavo as minhas mãos de ti e vendo-te ao Barden Leste. E digo-to agora: se isso acontecer, vais *desejar* ter ficado comigo e teres-te comportado.

Sinto as lágrimas a picarem-me os olhos. Os músculos das minhas costas contraem-se com tanta força que a minha coluna se retesa.

O Zakir leva a mão ao bolso do colete e saca do seu cachimbo de madeira. Mal o põe na boca e o acende, lança-me um olhar esmagador.

— Então? Como vai ser, Auren?

Durante uma fração de segundo, os meus olhos passam por ele para olhar por cima do ombro, de novo para os navios no porto. Para aquelas nuvens de velas enfunadas amarradas ao mar.

Eu era o pequeno Sol dos meus pais.

Costumava dançar sob um céu que cantava.

Agora aqui estou eu, uma prostituta pintada nos bairros de lata de um

porto encharcado, com sujidade no ar e um grito silencioso na garganta, e não há chuva capaz de lavar a maldição do meu dourado.

O Zakir chupa no seu cachimbo, o fumo azul a sair por entre os dentes dele com um grunhido. Está a ficar impaciente.

— Foda-se. Tudo o que tens que fazer é ficares ali deitada.

O meu corpo estremece, com as lágrimas a ameaçarem sair. Foi isso o que o primeiro homem me disse. «*Deita-te na enxerga, rapariga. Isto vai ser rápido.*» Ele atirou uma moeda para o colchão quando terminou. Deixei-a ali, o metal gasto e manchado por ter passado por demasiadas mãos, embora não tão manchado quanto eu.

Fica ali deitada. Fica ali deitada e desgasta-te, pedacinho a pedacinho. Fica ali deitada e sente-te a morrer de dentro para fora.

— *Por favor*, Zakir.

O meu apelo faz com que ele cerre os dentes na ponta do cachimbo.

— Vai ser o Barden, então? Preferes viver na Zona Leste?

Abano a cabeça com ênfase.

— Não.

Nem as pessoas da Zona Leste querem viver na Zona Leste, mas a maioria não tem como partir. Com lixo nas minhas costas, poças de água aos meus pés e o meu dono a bloquear a minha passagem, sei como se sentem. Não há para onde ir, não há onde se esconder.

Ele ergue o queixo.

— Então vai trabalhar. *Já*.

De cabeça baixa, encolho-me para passar por ele e começo a descer a rua enquanto o meu coração bate na minha garganta e tamborila pela minha coluna abaixo. Dois dos capangas do Zakir põem-se à minha frente para guiar o meu caminho, enquanto ele segue atrás como uma sombra agourenta, guiando-me para o meu destino decrépito.

Os meus sapatos colam-se à gravilha molhada, mas mal reparo quando as pedrinhas se instalam lá dentro, pedaços ásperos que me cortam as solas dos pés. Mal reparo no mercado apinhado, também, cheio de berros, regateios e discussões. Não volto a olhar para os navios, pois aquela provocação de liberdade é demasiada para aguentar. Portanto, procuro por aquele lugar-comum de torpor dentro de mim e tento fingir que estou em qualquer outro lugar que não aqui.

Arrasto os pés, mas não importa o quão devagar caminhe para a Solidão. Ainda assim acabo à sua porta caiada, ainda vejo o meu reflexo na bolha do arranjo tosco de fundos de garrafa cortados, cimentados ali a formar uma janela. O vitral dos pobres.

O meu coração lateja com tanta força que os meus pés falham, como se eu estivesse num daqueles navios em vez de sobre chão firme.

O Zakir avança até ao meu lado, e sinto um sopro do seu fumo azul bafejado no meu ouvido. É da mesma cor que aquelas garrafas.

— Recorda-te do que te disse. Ganha para o teu sustento, ou deixo que o Barden Leste te tenha.

Com um olhar severo afasta-se, com uma mão no bolso a abanar as moedas que lhe ganhei, enquanto dois outros homens dele se materializam e o seguem como cães de guarda. Os outros mantêm-se comigo e põem-se à porta, arrebanhando a ovelha do Zakir. Já sei sem ter de olhar que estará outro homem de guarda nas traseiras.

O homem alto à minha esquerda olha para mim de cima a baixo, a palidez cinzenta do rosto a contrastar com os olhos encovados dele.

— Ouvi dizer que o Barden Leste gosta de experimentar as putas dele primeiro. Fá-las passar por testes antes de as deixar trabalhar — diz ele, fazendo com que o outro homem rosne uma gargalhada.

Olho para a porta, olho para os fundos de garrafa azuis que me lembram os olhos circulares de uma aranha, sabendo que avanço diretamente para a sua boca, já presa na teia para a qual o Zakir me atirou.

Tento recordar-me.

Tento recordar-me do tom lírico da voz da minha mãe. A brisa que passa pelos espanta-espíritos pendurados do lado de fora da minha janela. Tento recordar-me do som do riso do meu pai. A forma como os cavalos resfolegavam nas suas baias.

Mas, um pestanejar de olhos depois, tudo é afogado pelo som dos homens a provocar-me. Pelo mercado a martelar-me o crânio, com gritos e gargalhadas, precisamente quando as nuvens quebram e começa a chover de novo, encharcando-nos a todos com água fétida.

Não, o céu não canta aqui.

E a cada ano que passa, a canção de casa afoga-se na minha memória mais um pouco, levada pela água para uma praia poluída e repleta de crueldade rochosa.

Deita-te na enxerga, rapariga.

Evito os navios que partem nas minhas costas, evito a escolha que não é escolha nenhuma, entre o Leste e o Oeste, entre o Barden e o Zakir. Entre a vida e a morte. Então, com uma pinga da chuva na maçã do rosto que pode ter escorrido do meu olho, abro a porta e entro na estalagem.

E morro, mais um pouco.

CAPÍTULO 1

AUREN

As verdades são como especiarias.

Quando acrescentamos algumas, isso significa que temos mais camadas para digerir. Provamos coisas que não tínhamos antes. Mas se acrescentarmos demasiadas, a vida torna-se intragável.

Quando essas verdades são reprimidas por demasiado tempo, quando nos apercebemos de que nos acostumámos a mentiras sensaboronas, não há esperança de removermos o sabor assoberbante da nossa língua.

E, agora, a minha boca está chamuscada pela revelação que tenho de engolir.

É o Rei Ravinger.

Sim, Pintassilgo, sou. Mas podes chamar-me Slade.

Arranca, Ravinger — quem quer que seja —, observa-me a engasgar-me na verdade dele.

O que fazer quando alguém não é o que pensámos que era? Na minha mente, o Arranca e o rei eram dois homens muito diferentes. O Rei Ravinger era um mal que eu não queria enfrentar. Alguém com um poder fétido de quem eu queria ficar longe.

E o Arranca era… bem, era o *Arranca.* Complicado e perigoso, mas alguém que eu considerava uma espécie de aliado que me ensinou muito no

nosso breve tempo juntos. Alguém que me assustava e me irritava, mas que ganhou importância para mim.

Mas agora tenho de reconciliar todos esses pensamentos prévios. Pois a pessoa que me motivou e me forçou a admitir o que sou, o homem que me beijou na sua tenda e ficou na praia nevada de um mar ártico para ver uma Lua enlutada… é outra pessoa.

Ele é o rei que todos temem. O governante que entrega cadáveres em decomposição como se fossem ramos de margaridas. Pode dizer-se que é o monarca mais poderoso que Orea já viu, pois é *fae*, e tem-se escondido em plena vista.

Dormi na sua maldita tenda, a poucos metros dele todas as noites, sem saber quem ele realmente é.

Não sou capaz de peneirar todas as camadas que esta verdade traz. Não estou certa de me encontrar num estado de espírito que me permita desmontar tudo e digeri-lo, e nem sei se *quero*.

Não, neste momento sinto-me demasiado zangada.

Lanço-lhe um olhar furioso.

— Seu... seu *mentiroso* de merda. — Consigo ouvir a veemência causticante a queimar-me as palavras tão certamente quanto sinto as suas chamas a incendiar-me o olhar. Consome-me num segundo.

O Arranca — Ravinger, quem quer que ele seja, pelo Divino — afasta a cabeça para trás, como se a minha raiva o chocasse. O corpo dele fica tenso, os espinhos malévolos dos braços dele a refletir a luz fraca do quarto. Um quarto que, de repente, parece demasiado pequeno.

— Desculpa?

Permaneço na porta, e os meus dedos cingem-se em punhos ao meu lado, como se pudesse tomar as rédeas da minha raiva e orientá-la para galopar em diante. Dou um passo para o interior do quarto da gaiola na direção dele, as minhas fitas exaustas a arrastar atrás de mim como minhocas doentes a contorcerem-se no chão.

— Você é o rei — digo, abanando a cabeça como se conseguisse apagar esse facto. Eu *sabia* que a aura dele era estranha. Sabia que conseguia sentir ali um poder subjacente, mas nunca teria adivinhado a profundeza do artifício dele. — Enganou-me.

O Arranca lança-me um olhar esmagador. O carvão negro dos olhos dele parece querer capturar a chama dos meus. Parece pronto a arder na minha raiva.

Que o faça.

— Podia dizer o mesmo — retruca.

Eriço-me.

— Não se atreva a virar isto contra mim. Você *mentiu*…

— Também tu. — A ira escoa pela expressão dele, fazendo com que as escamas cinzentas nas maçãs do rosto dele brilhem no escuro, o rosto afiado de um predador prestes a atacar-me.

— Escondi o meu poder. É diferente.

Escarnece de mim.

— Tu escondeste o teu poder, as tuas fitas, o teu *legado.*

— Ser *fae nada* tem que ver com isso — rosno.

Encurta o espaço que resta entre nós em três longas passadas.

— Tem *tudo* que ver com isso! — diz o Arranca com um rosnado, parecendo querer esticar os braços e abanar-me.

Levanto o queixo, recusando vergar-me, imaginando as minhas fitas a erguerem-se para o socar no estômago. Se pelo menos não estivessem tão flácidas e exaustas…

— Tem razão — respondo com uma calma forçada. — Tive de me esconder num mundo que não era o meu durante vinte anos sem ver um único *fae,* até o ter conhecido.

Parte da rigidez desaparece-lhe do rosto durante uma fração de segundo, mas não terminei. Nem por sombras.

— Forçou-me implacavelmente a admitir o que eu era.

O rosto dele revela um lampejo de irritação, um relâmpago prestes a atingir o solo vazio.

— Sim, para te ajudar…

Estreito o olhar.

— Forçou-me a dizer verdades enquanto se escondia. Não acha isso hipócrita da sua parte?

O Arranca cerra os dentes com tanta força que me pergunto se irá partir um dente. Espero que sim, canalha mentiroso.

— Não podia confiar em ti — responde friamente.

Solto um som de escárnio, um som castigador e cruel.

— Seu parvalhão egoísta. Fica aí plantado e diz-me que *você* não podia confiar em *mim*?

— Cuidado — diz ele, mostrando os dentes num sorriso malicioso. — Há um ditado sobre pedras e telhados de vidro.

— Eu não vivo em vidro, vivo em ouro. Por isso, posso atirar as pedras que quiser, caramba — digo com rispidez.

— Certo. Não devia esperar menos de ti, provavelmente.

As minhas costas retesam-se.

— O que quer dizer com isso?

— Apenas que estás sempre pronta a julgar-me — responde o Arranca com uma indiferença fria. — Diz-me, também chamaste mentiroso a Midas? — desafia-me ele, a sobrancelha com espinhos baixando sobre os olhos dele. — Há quanto tempo alega ele que o teu poder é dele? Há quanto tempo *mentes* a toda a gente sobre ele?

— Não estamos a falar de Midas.

Escapa-se-lhe um riso cruel como uma cobra, pronta para morder, para magoar.

— Claro que não, certo? O teu rei dourado nunca faz nada mal — comenta num tom mordaz.

As minhas unhas enterram-se na palma da minha mão despida com tanta força que quase rasgo a pele.

— Não tinha o direito de ficar tão zangado quando escolhi voltar para ele. Não quando me enganou desde o início.

Solta um rugido terrível vindo do peito, como se tivesse tentado evitá-lo e falhado.

— Ele também te enganou!

— Precisamente! — grito, e o som, a pura emoção que sai desgovernada com ele, leva-o a tropeçar para trás. — Estou *tão* farta de ser enganada, raios! As mentiras, as manipulações. Você tentou fingir que era bem melhor do que ele, mas é exatamente o mesmo.

A expressão no rosto do Arranca torna-se sombria como a noite e sinto um aperto no estômago.

— Sou? — A resposta dele é um ataque, e os olhos dele desferem o golpe.

Abate-se um silêncio quente e pesado entre nós. O peso morto de um cadáver que arde em fogo lento aos nossos pés. O fumo das nossas reservas obscurece a vista um do outro.

— Obrigado por explicares exatamente o que pensas de mim. — A aura dele paira à minha volta, e como sei agora que contém o vapor reprimido do seu poder pútrido leva-me a querer fugir e esconder-me. — É um bom lembrete do quão distorcidas são as tuas perceções.

Odeio-o. Odeio-o tanto neste momento que os meus olhos ardem. Ardem até eu não conseguir evitar as chamas. Uma lágrima abrasadora cai pela minha bochecha e o olhar dele segue-a até tombar do meu maxilar.

— Talvez as minhas perceções não fossem tão *distorcidas* se as pessoas em quem confiei não me enganassem, retorcessem tudo e mentissem constantemente — riposto, secando outra lágrima perdida.

Atrás dele, nas sombras do quarto, a gaiola partida troça de mim. É

um lembrete. Do que pode acontecer quando alguém em quem confio me ludibria.

— Auren… — Há ali um som, na voz dele, que não aguento ouvir.

Baixo o olhar, focando-me antes nas sombras que se formaram aos nossos pés, com a respiração a abanar-me o peito.

— Pôs-se ali e beijou-me, e tentou fazer com que eu o escolhesse, quando nem sequer conhecia o seu verdadeiro eu — digo, num tom de voz monótono quando olho de novo para ele. — Fez-me sentir a pior pessoa do mundo por tê-lo escolhido a ele, embora eu o tivesse avisado uma e outra vez que tinha de fazê-lo.

O Arranca sacode a cabeça naquela última parte, estreitando o olhar no escuro.

— *Tiveste*?

Arrependo-me de imediato do meu descuido.

Mantendo uma expressão estoica no rosto, digo:

— Quero que saia.

Aquela raiva negra, ensombrada, regressa ao rosto dele, as linhas do poder dele a contorcerem-se no maxilar indignado.

— Não.

O meu coração aperta com mais força do que os meus punhos. Odeio aquela parte de mim que ainda se sente aliviada por ele estar aqui, como se eu estivesse a salvo agora, como se ainda fosse meu aliado.

Não é.

Não tenho aliados e preciso de lembrar-me disso. O que quer que tenha pensado que o Arranca era para mim, foi-se agora. Não tenho ninguém.

Relaxando os dedos, ergo a mão e arrasto-a pelo rosto. Estou tão farta. Tão farta das mentiras. As dele. As de Midas. As *minhas*. Estou envolta em falsidades e moldada em manipulação, a abarrotar com tudo o que fiz para sobreviver.

Quero que se desfie tudo. Quero livrar-me dos nós em que me enrolei antes de me mumificar com eles.

A tensão que rola dos ombros do Arranca é tanta que praticamente vibra com ela, uma nuvem com um trovão prestes a troar.

— Então, é isto? Tenho de aguentar com a maior parte da tua raiva, enquanto continuas a cair aos pés de Midas?

Os meus olhos faíscam.

— O que eu faço não lhe diz respeito.

— *Raios*, Auren…

Interrompo-o.

— O que quer, Arranca? Porque está aqui?

Cruza os braços, os espinhos enfiando-se sob a pele num movimento fluido, natural.

— Eu? Ia apenas dar um passeio.

— Ah, que bom, outra mentira para acrescentar à lista — digo num tom sarcástico. — Devo ir buscar uma pena e papel para registá-la?

O Arranca suspira e esfrega o rosto com as mãos, numa rara fissura na fachada pétrea dele.

— Estás a exagerar.

O meu corpo paralisa-se enquanto olho para ele, boquiaberta.

— Acabei de o ver transformar-se de rei para comandante tão depressa como quem veste um casaco — vinco. — Há poucas horas, apodreceu o pátio da frente de Ranhold apenas caminhando, e ameaçou a cidade com a guerra. Atrás de mim, neste momento, aposto que há toda uma sala de guardas que matou. Acabou de admitir ter-me enganado o tempo todo que me conheceu e, ainda assim… acha que eu estou a *exagerar*?

O músculo do maxilar dele contrai-se.

— Diz-me, qual dessas coisas te incomoda mais?

— Oh, sei lá, não sou fã de mentiras, mas o homicídio irrefletido também está lá em cima.

— Não foi irrefletido.

Engulo, tentando lidar com a confirmação de que há definitivamente guardas mortos na sala ao lado.

— Apodreceu-os?

— Estou muito mais interessado no *teu* poder — responde o Arranca, e sinto um peso no estômago quando se vira para a estátua da mulher dentro da gaiola. — Foi a primeira pessoa que transformaste em ouro?

— Foi um acidente — deixo escapar, pois *não sou* uma assassina irrefletida.

O olhar dele vira-se para mim, vitorioso, percorrendo-me o rosto, e quero castigar-me por simplesmente confirmar as suposições dele.

Vejo no rosto dele quando se apercebe, fazendo com que os seus olhos brilhem de curiosidade.

— Um acidente… Então é pelo toque? É por isso que te manténs sempre coberta? Não és capaz de controlar o teu próprio poder?

As perguntas condescendentes dele fazem com que a vergonha se acumule no meu estômago. Vindo do homem que parece ter um controlo insuperável sobre a magia dele, não me devia surpreender que tenha apanhado a minha falha, mas mesmo assim magoa.

— Como funciona? — pressiona quando não respondo.

— Lá está você outra vez, a tentar arrancar verdades de mim às quais não tem direito — digo. — É por isso que lhe chamam Arranca?

— Deixas que as pessoas te chamem sela tocada pelo ouro — contrapõe, enfurecendo-me. — Por tudo aquilo que odeias em mim, parece que Midas já o fez mais de um milhar de vezes.

Ele tem razão, e odeio-o por isso também.

A pele em volta dos meus olhos contrai-se, mas não posso dizer nada, pois tudo o que está preso na minha garganta é a minha própria autoaversão.

O Arranca inclina a cabeça para o lado e observa-me.

— Ele desempenha o papel muito bem, o de ser um rei sem poder. Em usar-te com tanta premeditação clandestina. Não admira que te mantenha enjaulada.

A última coisa que quero é falar sobre estar enjaulada. Forma-se um suor gelado nas minhas costas só de ouvir a palavra.

— Como altera a sua aparência? — pergunto, mudando de assunto. — Como raio ninguém se apercebe que vocês os dois são na verdade a mesma maldita pessoa?

Por mais furiosa que me sinta com ele por me enganar, estou ainda mais furiosa comigo mesma por não me ter apercebido da verdade. Mesmo com as linhas apodrecidas do poder que lhe subiam pelo rosto, mesmo com os olhos verdes e as sombras em que estava banhado, devia tê-lo reconhecido. Estive com o Arranca tempo suficiente para ter conseguido ver através da ilusão.

Ravinger possui o mesmo maxilar forte, o mesmo cabelo negro. O Arranca parece-se mais com um *fae*. Mais aguçado. Não admira que as pessoas digam que o temido comandante foi modificado pelo Rei Podre, pois o Arranca parece tão *outro*. Os ossos do rosto dele, as pontas das orelhas, os espinhos nas costas e braços, todos suficientemente afiados para cortar vidro e tão diferente de qualquer outra pessoa que alguma vez vi.

Na sua forma Ravinger, ele parece estranho devido àquelas raízes negras insidiosas que balançam na pele dele como sombras, tanto delas escondido sob a barba por fazer no maxilar. Pergunto-me o quanto essas linhas se esticam. Pergunto-me o que *significam*.

Mesmo com essas diferenças, o Arranca e Ravinger mostram uma parecença suficiente para que eu devesse tê-la apanhado. Assim que o rei entrou no quarto, deveria ter sentido quem ele realmente era. Olhos verdes ou pretos, com espinhos ou liso, orelhas afiadas ou curvas, eu deveria ter sabido.

Ambas as formas são deslumbrantes e sobrenaturais, e não importa a cor dos olhos, ele olha para mim com a mesma intensidade de sempre.

— Uma manobra adquirida — responde simplesmente. — No que diz

respeito às outras pessoas, veem o que lhes dizem para ver, acreditam no que lhes dizem para acreditar. Mas não tenho de te explicar isso, pois não? Midas tem andado a colher os benefícios do mesmo há anos — diz o Arranca com aparente desdém. — Mas por que raio deixarias que todos acreditassem que é ele quem possui o poder do toque de ouro, quando foste sempre tu a tê-lo?

Quase reviro os olhos com o espanto irritado dele.

— Está a brincar? Fiquei *contente* por escondê-lo. Desde a primeira vez que o ouro começou a escorrer pelos meus dedos, percebi que estava em apuros. Sabe o que as pessoas fariam a uma rapariga que consegue transformar tudo em ouro? — Abano a cabeça, passando uma mão cansada sobre a testa. — Não. Este mundo já me usou o suficiente.

Usou, abusou… e isso foi quando eu apenas *parecia* dourada. Nem gosto de pensar no que teria acontecido se não tivesse fugido quando fugi. Se ainda estivesse ali em Porto Derfort quando o meu poder se manifestou, as coisas teriam piorado muito mais para mim, e *nunca* teria conseguido escapar. Só de pensar nisso, sinto um tremor pelo corpo todo.

Os espinhos nas costas do Arranca curvam-se como punhos, enquanto expressões ilegíveis lhe perpassam o rosto como sombras.

— E agora? Ainda achas que precisas de te esconder, Auren?

Os meus olhos dourados sustêm o olhar dele.

— Não me pergunte isso.

— Porque não? — desafia-me.

— Porque quer que eu diga a verdade pelos motivos errados. — Há uma tristeza a infiltrar-se na minha pele, uma desilusão que se estabeleceu nos meus ombros como um manto. — Quer que pare de me esconder para que eu arruíne Midas.

O silêncio dele, a incapacidade de o negar, diz-me tudo.

Primeiro Midas, agora ele. Quero fugir para bem longe de todos os malditos reis de Orea e esconder-me onde nenhum deles possa voltar a encontrar-me. *Quanto mais poderei aguentar?*

Revela-se cada vez mais difícil manter-me aqui, a olhar para o rosto dele e sentir uma desilusão tão esmagadora a espetar-me o coração.

— Quero que saia, Arranca — volto a dizer, esperando que desta vez ele ouça.

— Já te disse, podes chamar-me Slade.

— Não, obrigada — respondo secamente, apreciando o lampejo de frustração que lhe atravessa os olhos. — Mas far-lhe-ei uma vénia, Vossa Majestade Apodrecida.

Ele lança-me um olhar furioso.

— Muito bem. Eu saio. Se me disseres uma coisa.

— O quê? — pergunto com impaciência.

O Arranca inclina-se para a frente, de modo a que os nossos rostos se encontrem mesmo à frente um do outro, tão próximos que consigo sentir o calor do corpo dele.

— Porque estavas a gritar?

Pestanejo, apanhada desprevenida pela pergunta dele.

— Eu… eu não estava a gritar.

A expressão no rosto dele revela o quão pouco convencido ficou, e o meu gaguejar despreparado não ajudou.

— Humm. Talvez deva ser eu a ir buscar o papel e a pena para registar as mentiras entre nós.

Estupor.

— Está enganado. Não me ouviu a gritar — minto, embora o meu coração bata no peito com tanta força que espero que ele não o ouça.

Na verdade, eu parecia um qualquer animal enjaulado, prestes a arrancar a porta com as unhas enquanto os guardas me mantinham presa neste quarto sem saída, mas não vou admitir isso agora. Não a ele.

O Arranca arqueia uma sobrancelha condescendente.

— A sério? Então eu imaginei ouvir-te a gritar, a implorar para te deixarem sair?

Merda.

É preciso bastante esforço consciente para não revelar nada na minha expressão, em especial com ele tão perto.

— Talvez não ouça tão bem com essa coroa de galhos horrorosa na cabeça.

Para irritação minha, mostra um sorriso matreiro. Odeio que essa visão me deixe uma impressão no estômago.

Mesmo não havendo muito mais do que uns parcos centímetros entre nós, o Arranca inclina-se para a frente, fazendo-me suster a respiração. Ele furta todo o ar do quarto, puxando o pulsar das minhas veias como um cão pela trela.

Quase peito com peito, ele inclina a cabeça para baixo enquanto eu levanto a minha. Olhamo-nos nos olhos com demasiadas emoções misturadas escritas nos nossos olhares fixos um no outro, sem esperança de alguma vez as traduzir.

Quais as palavras nos olhos silenciosos e agitados deste homem? Porque me sinto como se estivesse a ser esmagada de dentro para fora? Ele tem um poder sobre mim que nada tem que ver com a aura dele, e tudo com a forma como o meu olhar recai nos lábios dele quando arqueja.

Mostra-me aquele sorriso matreiro enlouquecedor dele.

— Humm. Gosto da tua raiva, Pintassilgo. Se ao menos não fosse sempre dirigida a mim…

Abro a boca para gritar com ele, mas antes de conseguir dizer uma palavra estende a mão e agarra uma das minhas fitas, paralisando-me à medida que o meu coração cambaleia.

Ambos olhamos para baixo quando ele a segura, e quando acaricia suavemente a fita dourada acetinada esqueço-me de respirar.

Como se ronronasse, a minha fita vibra ligeiramente entre as almofadas do indicador e do polegar dele. Um tremor viaja pelas restantes, cada uma afrouxando de alívio como se também o conseguissem sentir. Os meus braços arrepiam-se quando continua a afagá-la, acalmando-a de uma maneira que nunca senti antes.

Devia puxá-la. Devia afastar-me. Devia fazer alguma coisa para aumentar o espaço entre nós.

Mas não o faço. Não o faço e nem consigo admitir porquê.

A proximidade dele, o olhar dele, fazem com que seja demasiado difícil pensar. Não consigo funcionar com a sensação da respiração dele no meu rosto, com o toque leve dele.

Preciso de me recordar de quem ele é, do que é capaz. Preciso de manter a guarda, agora mais do que nunca.

— Devias mantê-las sempre para fora — diz baixinho e, por algum motivo, outra lágrima quer deixar-me.

Não gosto destes sentimentos que se juntam ao meu redor. Quero agarrar-me à minha raiva, usá-la para me ajudar a afastá-lo. O ar entre nós ficou mais pesado, como se tivéssemos passado a primeira linha de árvores e entrado ainda mais para o interior da floresta. Está tão congestionado de ramos e silvas que não consigo atravessá-lo sem ser arranhada.

Dá trabalho, mas consigo aclarar a voz e sussurrar:

— Saia, Arranca. Por favor.

A expressão dele fecha-se, e qualquer que fosse o momento em que ficámos presos dissipa-se. Larga a minha fita e esta imediatamente descai, murchando como uma flor, um suspiro silencioso de lamento dobrado para o chão.

Quando recua um passo, sinto-me simultaneamente aliviada e desolada. Em vez disso, tento não sentir nada.

O Arranca abre a boca como se quisesse dizer algo mais, mas depois fica calado, de cabeça inclinada como se ouvisse algo.

Crispo-me.

— O que foi?

— Humm, parece que ainda não posso sair.

— E porque não?

O sorriso matreiro exasperante dele regressa, mas não como antes.

Este é… malicioso, e enche-me de pavor.

— Porque o teu rei dourado está a caminho. Acho que vou ficar e cumprimentá-lo.

CAPÍTULO 2

AUREN

Arregalo os olhos.

— *O quê!?* Midas está de regresso?

O Arranca soergue uma sobrancelha.

— O que se passa, ficaste perturbada com isso?

Cinjo os lábios à medida que a frustração se espalha sobre mim. Se Midas está quase aqui, então perdi a minha oportunidade de me esgueirar daqui para fora.

Embora, honestamente, isso não fosse realista. Eu teria de conhecer todos os pormenores deste castelo bastante bem e ter *muita* sorte em sair sem Midas descobrir. Mesmo se, por algum milagre, eu *conseguisse* fugir, seria apenas uma questão de tempo até me apanhar o rasto. Ele nunca me deixará abandoná-lo.

Estou encurralada. Uma sela presa pelas rédeas.

— Tem de sair *agora* — insisto.

Para irritação minha, o Arranca limita-se a olhar para mim, sem se mover um centímetro.

— Porquê?

Pestanejo, incrédula.

— Porque se Midas o encontra aqui…

— O que vai ele fazer? Transformar-me em ouro? — escarnece o Arranca com um brilho vingativo no olhar. É claro que está convencido, porque não estaria? Tem nas mãos o maior segredo de Midas.

Sou envolvida pela tensão.

— Não…

O sorriso que mostra é dissimulado.

— Peço licença para vestir o meu outro casaco.

Antes que eu me possa preparar, o poder dele liberta-se e a náusea ataca-me o estômago. Tombo para a ombreira da porta, enjoada com a magia tumultuosa que agora rasga o ar.

O Arranca começa de novo a transformar-se, e eu observo à medida que os traços afiados do rosto dele se retraem. As orelhas em bico suavizam, as maçãs do rosto pronunciadas amaciam-se e as escamas cinzentas desaparecem. A fila de espinhos curtos acima das sobrancelhas some-se num piscar de olhos, tão depressa quanto os dos braços e costas.

Enquanto o Arranca se esvai e o Rei Ravinger se estabelece, todo o corpo dele estremece. Rola os ombros musculados para trás e surgem-lhe linhas escuras e insidiosas na pele do pescoço. Estas rastejam para cima, alcançando-lhe o maxilar como raízes à procura de um solo melhor.

Inspiro fundo, respirando através da sensação doentia que me enche as entranhas. Mas, antes que me tome completamente, o poder dele retrai-se, levando a minha náusea com ele. A tremer, o meu corpo afrouxa de alívio enquanto olho fixamente para ele.

A transformação cessa, e quando ele volta a abrir os olhos o familiar olhar negro desapareceu. Em vez dele, vejo o verde profundo das íris de um rei apodrecido.

Desvia o olhar, digo a mim mesma.

Tenho de desviar o olhar, pois de cada vez que os nossos olhares se cruzam o meu estômago revira-se e o meu peito dói, e sinto que não o conheço de todo.

O meu coração torna a bater com força, mas não sei se é dos efeitos do poder dele ou se porque ele me assusta nesta forma — *o Rei Ravinger* assusta-me. É curioso como perde as escamas e os espinhos e, ainda assim, se torna bastante mais aterrador.

Não gosto de ver esta versão dele. Não importa o quanto tente lembrar-me de que se trata apenas do Arranca, ele parece-me um estranho. Um estranho em quem não me atrevo a confiar.

A minha trepidação passa a medo e viro-me e cambaleio para o quarto de Midas, tendo de colocar espaço entre nós, tendo de *fugir.*

Mas dou apenas um par de passos antes de tropeçar em algo no chão. Consigo equilibrar-me antes de cair de cara no chão, apenas para me aperceber de que tropecei num corpo.

— Grande Divino… — A minha mão voa até à minha boca quando olho para baixo, horrorizada, para a pessoa estendida aos meus pés.

Os olhos do guarda estão fechados e a boca escancarada. A couraça dourada que enverga reluz, mas sob a mesma a pele está murcha e cinzenta. Como uma uva arrancada do caule e atirada para o chão para o sol secar.

O meu olhar salta dele para um segundo corpo, outro guarda nas mesmas condições. E depois outro, e outro, e outro.

Escapa-se um som estrangulado da minha garganta e os meus ouvidos zunem com um alarme assustador. Mas não consigo desviar o olhar dos corpos prostrados, dos olhos secos e chocados. Não consigo desviar o olhar dos lábios gretados e esfolados, nem das maçãs do rosto encovadas.

Isto… é disto que Ravinger é capaz.

Num segundo, todos estes guardas estavam vivos, e no outro não passavam de carcaças desidratadas.

Sinto o meu peito a subir e a descer com a respiração rápida, mas não importa o quão rapidamente eu pareça respirar, não consigo ar suficiente, pois um pensamento invade-me a cabeça.

Teria eu feito a mesma coisa?

Se o Sol não se tivesse posto e o meu poder de toque de ouro continuasse ativo, se tivesse sido capaz de derrubar aquela porta, teria sido *eu* a matá-los em vez de Ravinger?

Sinto o ardor das lágrimas nos olhos. Talvez seja a única defesa do meu corpo, a tentar desfocar a visão à minha frente, embora não dê resultado.

O que resulta, no entanto, é quando Ravinger se posiciona frente a mim, tapando-me a vista. Os meus olhos percorrem o corpo dele até lhe encontrar o olhar. Olhos verdes passam pelo meu rosto como vapor que afaga água fervida.

— Tens de respirar, Auren.

— Eu *estou* a respirar — respondo com rispidez.

— Estás a arfar e vais hiperventilar se continuares assim — responde calmamente. — Só viste morte dourada pelo teu próprio poder?

Quase rio amargamente.

— Vi bastante morte.

Memórias antigas e vincadas abrem-se violentamente umas atrás das outras. Conheci a morte na noite em que fui roubada de casa, e ela persegue-me desde então.

— Estes homens não mereciam isto — digo, afastando furiosamente uma lágrima quando me cai das pestanas.

— Discordo. Estavam a manter-te presa contra a tua vontade.

Os meus olhos brilham de fúria.

— Estavam apenas a cumprir ordens. A fazer o que lhes ordenaram. — A minha mente enche-se de coisas que *me* mandaram fazer. — Eu não queria… — Odeio não conseguir terminar a frase. — …*isto.*

Engasgo-me com uma culpa que parece crescer no silêncio.

— Esses teus olhos dourados, tão expressivos — murmura Ravinger. — Num segundo com ódio, no outro com alma.

Com os seus olhos verde-floresta fixos nos meus, levanta uma mão e encolho-me instintivamente. Ele para, com o rosto ensombrado pela minha reação.

— Não vou magoar-te, Pintassilgo.

A minha expressão diz-lhe que já o fez.

Com o maxilar cerrado, vira a mão, como se estivesse a rodar um manípulo invisível. Lentamente, as linhas negras do poder dele contorcem-se em volta da pele da palma da mão, enrolando-se em redor dos dedos como trepadeiras.

Como uma brisa, sinto o poder dele roçar-me de novo. Preparo-me para o efeito nauseante, mas este não chega. Desta vez não há pulsar de estranheza pútrida. A magia puxa o ar como o aperto de um espetro numa inalação, sugando a respiração para os pulmões.

Nada me faz estremecer ou ter vontade de vomitar ou de cair para o lado. Não fico enjoada. Em vez disso, a energia vibra à nossa volta e a base de cada uma das minhas fitas estica-se, as minhas costas a formigar com arrepios.

Um tossir repentino surge no quarto e dou um salto, assustada, virando-me na direção do barulho.

— O que… — À minha volta, os guardas esticados rolam ou sentam-se, a tossir uma tosse seca como se tivessem lixa na garganta, tentando respirar por lábios a descamar.

Olho repentinamente para Ravinger.

— Como é que… pensei que estavam mortos!

Ele volta a baixar a mão, já sem as linhas na palma.

— Estariam se eu tivesse esperado mais. Só se pode reverter a decomposição de um corpo até determinado tempo.

Pestanejo, abanando a cabeça enquanto os soldados se levantam. Estão confusos, parecendo que acabaram de olhar a Morte nos olhos e não estão certos de como foram capazes de atravessar a linha de regresso à vida.

— Você só… você… *porquê*? — pergunto, sem fôlego, pois não o compreendo de todo.

Mas Ravinger não tem a hipótese de me responder. A porta do quarto é subitamente aberta para trás, interrompendo-nos.

Midas estaca de repente à entrada. A túnica e as calças douradas dele reluzem sob a luz ténue, de certo modo fazendo com que os cabelos cor de mel dele pareçam ainda mais claros. A expressão no rosto revela surpresa quando percorre o quarto com o olhar, cerrando o maxilar bronzeado e anguloso. Observa os guardas desequilibrados ainda a tentarem manter-se em sentido, e depois os olhos dele recaem sobre mim. Quando vê Ravinger ao meu lado, a expressão no rosto dele enche-se de raiva.

— O que significa isto? Mas que raio pensa estar a fazer nos meus aposentos privados? — Mal reconheço a voz de Midas com a fúria que a trespassa neste momento. Ele avança e para junto a mim, embora os seus olhos castanhos se fixem no rei apodrecido.

Ravinger não parece incomodado com a raiva de Midas. Na verdade, olha para Midas com um divertimento entediado. Parece que não se limitou a transformar a aparência dele, mas num milésimo de segundo tomou também outra personalidade. Até os gestos são diferentes. Ravinger parece arrogante e relaxado, as sobrancelhas pretas arqueadas numa expressão que é de certa forma tanto aristocrática como trocista.

Os espinhos, escamas e olhar fulminante desapareceram. No seu lugar encontra-se um curvar trocista dos lábios e linhas a trepar-lhe pela pele, coroa inclinada na cabeça. Não admira que as outras pessoas não suspeitem que um é o outro.

— Oh, estes não são os meus aposentos de hóspede? — responde Ravinger com uma inocência falsa, enquanto olha em volta do quarto. — Erro meu.

— Sabe muito bem que não são — atira Midas. — E o que fez aos meus guardas, pelo inferno Divino?

Os homens continuam a tossir um pouco, mas pelo menos conseguem permanecer de pé, ainda que pareça como se a Morte lhes tivesse batido à porta.

— Oh, eles? Apodreci-os um pouco.

Midas empalidece.

— Você… *você o quê?*

Observo-os, receosa, presa entre duas rochas inamovíveis.

Ravinger encolhe os ombros.

— Eles estão bem, agora. Um pouco de comida e descanso e ficam como novos.

Consigo sentir a raiva de Midas tão seguramente quanto consigo vê-la a fervilhar nos olhos castanhos dele.

— Isto é um ato de guerra.

Olhos verdes fixam-se em Midas, trespassando-o.

— Se isto fosse guerra sabê-lo-ia — diz Ravinger friamente, a expressão depreciativa substituída por algo bastante mais cruel. O meu peito cinge-se, olhando de um para o outro.

Midas ferve de raiva em silêncio por um instante e depois a atenção dele vira-se para a porta aberta do quarto da gaiola — a porta que agora reluz a ouro.

— O que faz a minha favorita cá fora e vulnerável a um rei estrangeiro? — pergunta ele aos guardas.

Não sei como é possível, já que a palidez deles é já terrível, mas os homens de armadura parecem empalidecer ainda mais. Um par deles olha nervosa e rapidamente na minha direção e sinto um peso no estômago.

Eles viram. Eles viram a porta do quarto da gaiola transformar-se em ouro. Na minha raiva, bati com força com as palmas das mãos contra ela, tentando escapar, e dourei a porta inteira tendo-os como testemunhas.

Forma-se uma tempestade no olhar de Midas, que se ensombra quando se apercebe do que eles devem ter visto.

Merda.

— Rei estrangeiro? — interrompe Ravinger, aparentemente alheio. — Midas, assinámos um tratado há apenas algumas horas, não se recorda? Nós agora somos aliados — diz ele com um sorriso irónico.

— E, no entanto, aqui está você, nos *meus* aposentos, a usar os seus poderes contra os meus guardas e junto à minha favorita, onde não tem o direito de estar! — diz Midas num tom ríspido. — Ambos sabemos que não pensou que estes fossem os seus aposentos.

Midas não gosta de ser apanhado desprevenido. Sendo o planeador que é, é meticuloso quanto à forma como é suposto as coisas desenrolarem-se. O facto de Ravinger se ter infiltrado nos seus aposentos privados deixa-o ameaçado, como uma presa encurralada.

Midas é perigoso quando se sente encurralado.

Ravinger olha em volta do quarto, reparando na cama, na lareira, na varanda… tudo com um desinteresse enfadado.

— Talvez você esteja errado. Talvez eu tenha verdadeiramente pensado que estes eram os meus próprios aposentos e apodreci os seus guardas por pensar que você estava a tentar fazer-me uma emboscada.

Um som do tipo rugido emerge do peito de Midas.

— Ou… — continua Ravinger — talvez eu simplesmente quisesse ver como o monarca interino do Quinto Reino vive. — Olhos verdes encontram

os meus. — É interessante a forma como mantém a favorita do rei — rumina ele com um torcer dos lábios. — O que acha que revela um homem que mantém uma mulher numa gaiola?

A minha respiração fica-me presa na garganta. Consigo sentir o coração a acelerar com a tensão presente no quarto. É espessa como uma corda, preparada para se enrolar em volta do meu pescoço e me atirar ao chão.

Ravinger observa Midas, e Midas observa Ravinger.

Eu observo-os a ambos.

Ravinger quer espicaçar e picar, ser um espinho nas costas de Midas. Midas, no entanto, parece querer espancar Ravinger.

Mas… não pode.

Obviamente, por norma *eu* sou a única pessoa que o sabe. Midas desempenha muito bem o seu papel. Afinal, tem uma década de prática. Um truque de mãos aqui, colocando-me propositadamente ali, trazendo os artigos dourados depois de acontecer… ele sabe como fingir ser ele a deter o poder.

Mas, agora, Ravinger conhece a verdade. Midas ignora esse facto — e eu quero que assim continue. No entanto, talvez tudo esteja prestes a ser arruinado, aqui e agora. Talvez Ravinger esteja prestes a revelar o engano. Ou talvez simplesmente apodreça o Rei Midas ali mesmo, onde ele está.

Os meus nervos contraem-se, como um espartilho demasiado apertado.

Os guardas de Midas ficam inquietos. Talvez sintam a ameaça tão facilmente quanto eu. A última coisa que provavelmente querem é ter de enfrentar Ravinger de novo. Não lhes correu muito bem da primeira vez. Mas como guardas não têm muita escolha, na verdade.

O silêncio no quarto apenas piora a tensão, e até as minhas fitas, doridas como estão, se retesam ao longo da minha coluna, como se esperassem que aconteça uma luta. E se houver, é uma que Midas não pode vencer. Não se chega muito longe com ameaças.

Ele deve chegar à mesma conclusão do que eu, pois vejo o instante em que Midas decide recuar. Acontece com algum esforço, mas a expressão no rosto dele suaviza-se, os dedos dele relaxam e faz com que o rosto se torne inexpressivo com uma fachada cortês, eliminando todos os traços da sua verdadeira emoção.

Midas não é tolo. Sabe como estudar o seu adversário e, neste momento, vê que a vantagem não se encontra do lado dele. Quando não se pode jogar para vencer com o seu poder, então, ao invés, recorre-se à política.

É por isso que não me surpreendo quando ele aclara a garganta e diz:

— É verdade, somos aliados, como diz. Portanto, vou perdoar-lhe este *erro*.

Ravinger inclina a cabeça, formando-se um sorriso irónico nos lábios.

— Muito agradecido. — Os olhos dele voltam-se para mim, de novo, e pisca-me o olho antes de sair do quarto.

Mal o rei apodrecido sai, os meus olhos arrastam-se até Midas, mas está ocupado a observar os guardas.

— Deixaram-me ficar mal — diz-lhes.

Os homens ficam tensos, e alguns deles encolhem-se quando passa por eles até chegar ao corredor, falando demasiado baixo para eu ouvir. Mal regressa, dez novos soldados entram no quarto, que imediatamente agarram nos guardas encarregados de me vigiar.

Os homens não resistem quando são arrastados para fora do quarto e apercebo-me tristemente que Midas vai matá-los por terem testemunhado o que fiz à porta.

— Não os mate. — O apelo escapa-se da minha boca, embora eu saiba que será em vão. Tantos dos meus pedidos a Midas o são…

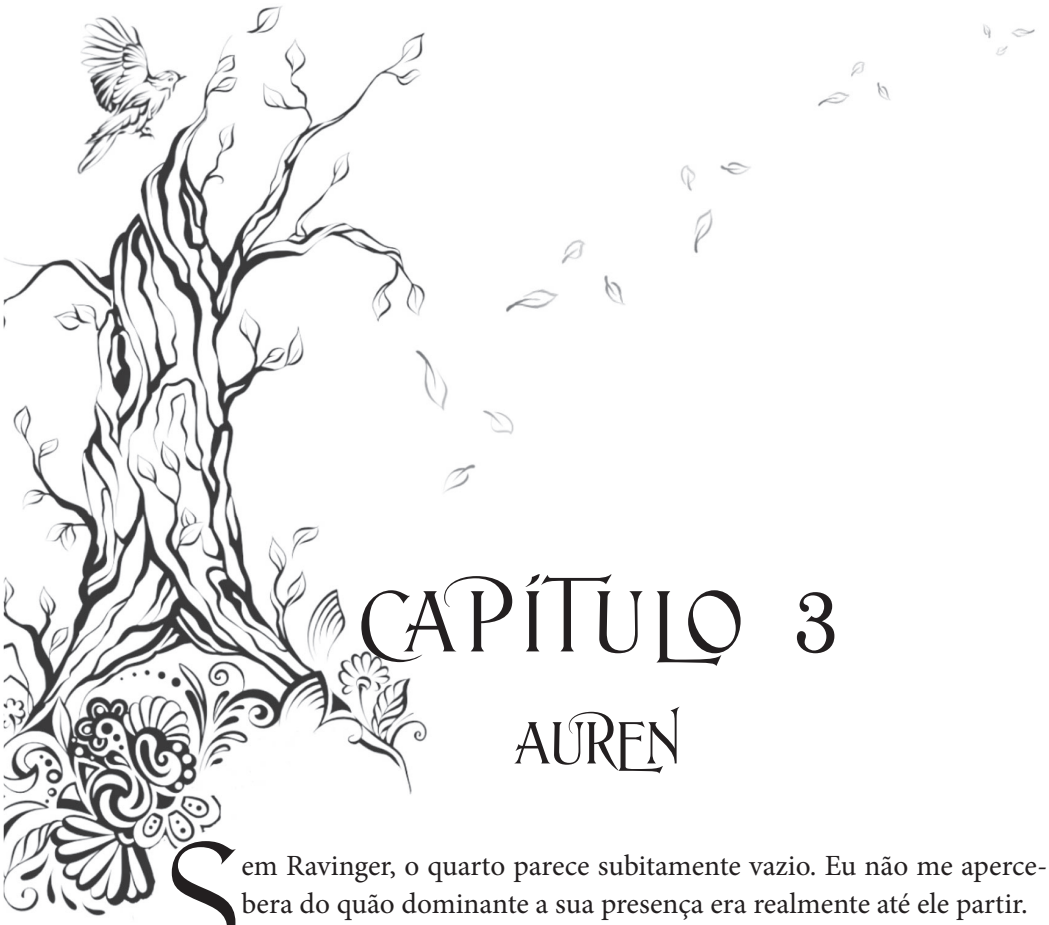
— Está feito — responde ele, de olhos semicerrados. — Eles selaram o seu próprio destino ao ver o que não lhes era permitido ver.

A minha garganta cinge-se com uma culpa irrevogável. Não só perdi o controlo e dourei a mulher que agia como minha substituta, como agora também estes homens vão morrer por causa do meu poder. Talvez não pela minha mão, mas o resultado final será o mesmo.

Tal como disse a Ravinger, eu vi bastantes mortes.

Talvez os guardas tivessem ficado melhor como montes apodrecidos no chão. Quem sabe qual seria o destino mais benévolo? Que punição real teriam preferido?

Engulo em seco, mas desta vez a náusea que cresce no meu estômago nada tem que ver com o poder de Ravinger. Pelo contrário, tem tudo que ver com o meu próprio arrependimento e com o homem ao meu lado.



CAPÍTULO 3

AUREN

Sem Ravinger, o quarto parece subitamente vazio. Eu não me apercebera do quão dominante a sua presença era realmente até ele partir. Devia sentir-me aliviada por ele ter ido embora, mas não sinto.

Fixo o meu olhar no de Midas, a amargura a quebrar a superfície plana do meu rosto como fissuras no vidro. É de admirar que eu não esteja a rosnar abertamente. O meu corpo está tenso, em antecipação do que ele fará.

Por um instante, nada faz a não ser olhar para mim. Já não enverga a sua coroa ou manto, apenas uma túnica dourada e calças enfiadas em botas resplandecentes.

Ravinger mencionou que passaram horas desde que assinaram o seu tratado. O que significa que Midas estava a fazer sabe-se lá o quê, deixando-me aqui a andar de um lado para o outro como um animal selvagem. A raiva ferve em fogo lento juntamente com a dor no meu peito, ambas as emoções a fervilhar à superfície da pele.

Não sei o que vê no meu rosto, mas vejo bastante no dele. Analiso-o, agora, como se tudo o que já me disse fosse um chorrilho de mentiras que lhe passou pelos lábios. As páginas de que ele se apoderou na minha vida estão desprovidas de verdade.

O nosso olhar silencioso é interrompido quando batem à porta. Midas

avança para o quarto onde está a gaiola e fecha a porta dourada, ocultando o que aconteceu antes de mandar quem quer que seja entrar.

Duas criadas entram a partir do corredor, os seus vestidos dourados cobrindo-as de cima a baixo, com toucas a condizer amarradas à cabeça. Uma delas transporta uma pilha de roupa e a outra segura uma travessa com comida. Ambas fazem uma vénia antes de se dirigirem à casa de banho.

Ouço o estremecer de canos e o correr da água.

Midas aclara a garganta, com a voz mais suave.

— Elas vão preparar-te um banho e podes lavar-te e comer.

Paro, surpreendida. Esperava que ele tentasse pôr-me de novo no quarto da gaiola. Estava preparada para ele me repreender com perguntas sobre como escapei, sobre o que Ravinger fazia aqui, mas, em vez disso, estende a mão como um ramo de oliveira.

— Eu não quero tomar um banho — digo entre dentes. O que realmente quero dizer é que não quero tomar banho só porque ele mo ordenou.

Midas expira pesadamente.

— Auren, a gaiola…

— Eu *não vou* voltar para uma maldita gaiola, pelo Divino! — murmuro num silvo cruel. — Pode trazer todos os ferreiros do reino e eu juro pelas deusas lá em cima que parto todas as portas. Pode trancar-me naquele quarto, pôr cem guardas para me prender, mas eu vou…

Paro abruptamente, consciente das duas criadas na outra divisão, Midas e eu a olhar na direção da casa de banho.

Respirando fundo para me acalmar, inclino-me na direção dele, baixando a voz para que apenas ele me possa ouvir.

— Se tentar enfiar-me lá dentro outra vez vou debater-me, e *nunca* mais toco noutra coisa para a transformar em ouro por si, nunca mais.

A acidez que me sai da boca arde mais do que qualquer fogo. Que o queime tanto quanto ele me queimou a mim.

Midas retesa-se, o rosto bronzeado ruborizado por duas manchas vermelhas gémeas nas maçãs do rosto. Choquei-o. Consigo vê-lo na forma como se esqueceu de respirar. Não está acostumado a esta versão de mim, a esta pessoa que não se verga e ajoelha aos pés dele.

O meu peito ergue-se com a paixão furiosa da minha voz. Não ficaria surpreendida se os meus olhos dourados começassem a arder.

Midas olha para mim. Consigo vê-lo a calcular, praticamente consigo ouvir os pensamentos que giram na cabeça dele à medida que tenta pensar em como lidar comigo. Sei-o porque em todos aqueles anos em que o amei não me limitei a ansiar por ele. Também o observei. *Aprendi*-o, como se aprende uma língua nova.

Foi necessário, devido ao feitio dele, por nunca ter desejado ser o alvo da fúria dele ou desencadeá-la. É devido à minha sensibilidade às emoções dele, devido aos meus muitos anos a estudá-lo, que agora sei como a sua mente funciona.

A expressão do rosto dele suaviza-se, os olhos cor de vagem de alfarroba suavizando também, como se as minhas palavras o tivessem influenciado.

Midas ergue uma mão, acariciando-me o maxilar com a almofada do polegar. Reteso-me e afasto a cabeça, mas segura-me o rosto com as duas mãos, olhando para mim com olhos atormentados.

— Lamento tanto, Preciosa. — A respiração dele está junto aos meus lábios, a voz arrependida nos meus ouvidos.

Antes, eu teria amolecido com isto. Ter-me-ia inclinado para a frente como uma flor a dobrar-se na sua presença. Mas não me curvo na direção do toque dele, e os meus lábios não se erguem num sorriso que perdoa. As minhas pestanas não tremulam ao fechar, e não solto um suspiro pelos meus lábios.

Porque… é demasiado tarde.

A venda foi arrancada da minha vista. Agora, o meu coração não se cinge. O meu estômago não se agita. Ele destroçou muito mais dentro de mim do que apenas o meu coração. Destroçou a minha vontade. O meu ímpeto. A minha voz. Destroçou o meu próprio espírito, e eu deixei que o fizesse.

O fardo do amor que carreguei por ele por tanto tempo desgastou-se. Descascou como pele seca e morta em flocos sob um sol ardente. Faixas sem cor e esgotadas que já não sentem nada. Nunca mais serei o barro que ele molda nas mãos. Vou moldar-me a mim mesma.

— Agi de forma abominável. Estava completamente fora de mim — diz ele, dedos macios a acariciar as maçãs do meu rosto enquanto eu me fixo nos botões dourados da camisa dele. — Estava tão preocupado contigo, caramba, e tinha de te manter a salvo após o que se passou. Acabei de te recuperar, e toda esta tensão com o Quarto Reino… — Midas não termina a frase, deixando cair as mãos do meu rosto.

Não digo nada, demasiado ocupada a ver para lá das suas palavras floreadas e escavando no chão áspero do que ele está realmente a fazer.

Está a mudar de tática.

Midas não é tolo. Sabe que as minhas ameaças irão dificultar-lhe a vida. Afinal, precisa de mim. A reivindicação que fez ao trono depende disso. As leis de Orea exigem que apenas quem possui magia pode reinar e Midas precisa do meu poder para manter o ardil dele.

O que diriam as pessoas se ele subitamente deixasse de transformar coisas em ouro?

Ele precisa que eu seja complacente. Que melhor forma de recuperar o controlo sobre mim do que apelar aos meus sentimentos?

Antes, sempre foi capaz de me convencer a *comportar-me*. A fazer o que ele diz, confiar que ele é que sabe, e deixá-lo fazer o que raio quer enquanto eu definho atrás de grades douradas.

Mas Midas não pode manter-me sem a minha concordância, e essa é uma verdade que ele nunca quis que eu visse. Nunca quis que eu despertasse e me apercebesse de quanto poder realmente possuo.

Enquanto nos mantemos ali em silêncio, os sons da água a correr cessam na casa de banho e as criadas saem de lá em fila pouco depois. Fazem uma vénia de despedida antes de abandonarem o quarto. Ainda assim, mantenho-me calada.

— Vem, eu trato de ti, e podemos falar, tal como tu querias — diz ele, implorando. Finge tão bem — os remorsos, o reconhecimento sentido.

Podia discutir com ele. Podia cuspir no rosto dele e dizer-lhe que sei o que está a tentar fazer. Podia virar-me e sair do quarto e tentar deixar o castelo. Embora essas opções sejam bastante apelativas, controlo-me.

Se quero livrar-me dele, ser *realmente* livre, não posso agir de forma impulsiva. Tal como Midas, eu tenho um plano. Pois ele nunca me deixará partir. Nunca. Portanto, se vou fazer isto tenho de ser inteligente.

— Preciosa? — instiga ele.

Não tenho aliados, não tenho contactos. Quem poderá dizer, mesmo que logre sair de Ranhold, que ninguém me irá capturar e usar-me para seu próprio benefício? Não, estou farta de ser uma prisioneira. Estou farta de ser possuída.

Tenho de planear e fazer as coisas da forma correta, escapar para onde Midas não me consiga apanhar nunca mais. Tenho de tornar-me tão forte que consiga proteger-me contra o mundo que me quer usar.

Portanto… assinto com a cabeça. Chegou a altura de alinhar no jogo.

— Está bem.

A expressão de Midas suaviza-se de alívio, as rugas de preocupação em volta dos olhos transformando-se no brilho de um sorriso. Deve estar tão satisfeito, a pensar que me fisgou com tanta facilidade outra vez…

Que lorpa que eu era.

Ele leva-me para a casa de banho, passando por um espelho numa moldura de prata, mesmo por cima de uma enorme banheira de ferro na parede do fundo. Tem pés em forma de garra e um rebordo pintado, com pedra envernizada esculpida em forma de leão, de boca aberta num rugido que cospe água em vez de som.

— Vamos lá lavar a sujidade do exército do Quarto — diz Midas quando paro em frente à banheira. Já está cheia de água quente, com uma fina camada de espuma à espera na superfície como nenúfares a boiar.

— O Rei Podre magoou-te? — pergunta, mantendo um tom cuidadosamente calmo.

Sim. Mas não da maneira que julga.

— Não. Ele tinha acabado de entrar quando regressou.

Midas parece ficar aplacado com isso.

— Não gosto que aquele canalha feioso esteja na mesma divisão que tu.

Pestanejo, surpreendida. *Feioso?*

O poder dele é feio, sim, mas o próprio homem? Não. De longe. Ravinger é dolorosamente belo da mesma forma como o é na sua forma de Arranca. Há nele uma masculinidade etérea que não se adequa realmente a este mundo. Sim, suponho que não deveria ficar surpreendida com a avaliação que Midas fez dele. Midas detesta tudo o que não seja perfeito. Provavelmente, olha para Ravinger e vê aquelas marcas estranhas de poder que deslizam sob a pele dele, e acha que isso torna Ravinger grotesco.

Optando por não responder, viro-me ligeiramente enquanto Midas se ocupa com a travessa de comida deixada num banco junto à banheira. Lentamente, começo a despir as minhas roupas. Todas as peças estão gastas, sujas, enrugadas. Parecem pesadas quando as deixo cair num monte no chão.

Por um instante, limito-me a olhar para elas. Aconteceu tanta coisa com estas roupas… Eu não era a mesma pessoa antes de as vestir. É como despir a armadura que usei durante uma batalha. Os Salteadores Rubros, o Sail, o Capitão Fane, o Arranca, Midas… tudo isso aconteceu naquele vestido.

Não sei se os olhos de Midas estão postos em mim, e não me importo. Ele já viu o meu corpo nu muitas vezes. Sou muito mais protetora do que se encontra sob a minha pele. O que está dentro de mim — a minha mente, o meu coração, o meu espírito — são essas as coisas que quero manter longe da vista dele.

Respirando fundo, deixo para trás a pilha de roupa e entro na banheira. Ao sentar-me, sou imediatamente envolvida por um calor que parece afundar-se até aos meus ossos gelados. As minhas fitas deslizam até ao fundo, o seu comprimento cansado absorvendo este simples conforto.

Solto um gemido quando me encosto ao rebordo curvo, apreciando o calor. Após semanas e semanas de nada mais do que banhos com trapos na neve, isto é *divinal*. Não vou sequer deixar que a presença de Midas o estrague.

Fechando os olhos lentamente, inspiro o aroma dos óleos florais que as criadas devem ter misturado na água. Mas encolho-me e abro-os de pronto

quando as mãos de Midas começam subitamente a afagar o meu cabelo atrás de mim.

— Chiu, está tudo bem, Preciosa. Vou compensar-te por tudo.

— A única forma de me compensar é se nunca mais tentar fechar-me à chave — digo-lhe secamente, focando-me na espuma enquanto esta flutua à superfície da água.

Posso precisar de alinhar, de agir como se estivesse novamente enfeitiçada pelo charme dele, mas não voltarei a ser uma prisioneira.

Midas hesita por um segundo, detendo o movimento das mãos no meu cabelo.

— Claro que sim — diz ele após uma respiração tolhida. — Claro que sim. A gaiola só existia para a tua proteção. Mas se não precisas mais dela, então manter-te-ei segura sem ela.

Ele recua lindamente.

Deixo formar-se um pequeno sorriso nos meus lábios e viro-me para olhar para ele sobre o meu ombro. O bonito rosto dele é a epítome da adoração, mas tem os ombros tensos, traindo o fardo da sua raiva que perdura.

— A sério?

— Sim — responde com veemência, agarrando-se à minha esperança hesitante quando me afaga o rosto, as madeixas de cabelo louro a cair-lhe sobre a testa. — Lamento tanto a forma como me comportei antes, Preciosa. Perdoa-me.

— Magoou-me — digo, e desta vez falo a verdade.

Debruça-se de onde está empoleirado no banco junto à banheira e encosta a face à minha testa. A pele dele está fria, enquanto a minha se encontra húmida do vapor do banho que murmura entre nós.

— Vou compensar-te. Vou recuperar a tua confiança e o teu perdão.

— Disse que não precisava do meu perdão — recordo-lhe com um certo tom na minha voz.

Midas retrai-se antes de se debruçar e pegar num jarro de prata do chão. Mergulha-o na água e começa a molhar o meu cabelo.

— Não estava a pensar bem. — Enrola as mangas e arrasta a travessa com comida para mais perto de mim. Depois esfrega sabão nas mãos e começa a lavar os meus cabelos oleosos e emaranhados. — Não espero que me perdoes de imediato, mas apenas agi daquela maneira por estar preocupado contigo.

Acredito que Midas goste de mim, da sua própria forma retorcida. Mas não é saudável, e não é suficiente. Não é o que eu mereço. Não creio que alguma vez tenha o tipo de amor por que anseio.

Esse pensamento turva-me os olhos quando observo o teto, de olhar fixo

na janela gelada no cimo da parede. O sofrimento cola-se a mim tanto quanto as gotas de água na minha pele.

À medida que a tristeza se sobrepõe à minha raiva, pergunto-me o que há de errado em mim. Porque não pode ele amar-me? Amar-me *verdadeiramente*?

Midas ama a minha pele reluzente, o meu cabelo brilhante. Está apaixonado pelo meu *poder*, sem dúvida. Dei-lhe o meu coração, e era demasiado nova, demasiado estúpida para ver que a adoração que ele sentia era pelo meu ouro, não por *mim*.

Devo ter algum defeito. Não devo ser digna.

Ou talvez seja simplesmente para isto que estou destinada. Talvez isto seja tudo o que me é permitido ter. A mulher que consegue transformar o mundo em ouro deve controlar a sua própria ganância.

Talvez o amor seja o preço do meu poder.

Os meus pensamentos tombam como um peso que deprime os limites das pétalas da consciência. Midas continua a lavar o meu cabelo, mantendo a conversa numa cadência estável. Fala sobre o quanto sentiu a minha falta, sobre as coisas que tem feito no Quinto Reino desde que nos separámos, sobre o trabalho que temos de fazer, agora que estamos de novo juntos.

Deixo-o falar e ele deixa-me permanecer em silêncio, usando a comida como desculpa para não falar. Ingiro tudo o que está na travessa sem saborear, demasiado ocupada a ruminar a minha própria contemplação silenciosa. Não consigo evitar pensar na última vez que ele fez isto, tratar de mim, dar-me banho, mesmo após o ataque com o Rei Fulke.

Automaticamente, levo a mão à minha garganta, os dedos a acariciar a pequena cicatriz que ainda ali reside. Não foi Midas quem me salvou naquela noite, não na verdade. Foi o Digby, e também o perdi.

De alguma forma, de alguma maneira, toda a gente que já amei foi-me tirada. Até Midas, e está sentado apenas a centímetros de mim.

Após me ter esfregado, passado por água e terminado o resto da comida, saio da banheira e visto uma camisa de noite lavada. É de algodão grosso, com uma bainha que me chega aos dedos dos pés e mangas largas que terminam em pontas bem para lá dos meus dedos. As minhas fitas torcem-se, antes de penderem soltas em faixas lânguidas contra as minhas costas.

— Pronto — murmura Midas, olhando para mim de alto a baixo. — Estás outra vez novinha em folha.

Ofereço-lhe um sorriso forçado. O meu corpo está tão cansado quanto o meu espírito e tudo o que quero agora é afastar-me dele.

— Preciso de dormir.

Ele assente de pronto com a cabeça.

— Pedi às criadas para prepararem um quarto mesmo em frente a este — diz. — Podes ficar lá. Ter o teu próprio… espaço.

Uma surpresa desconfiada faz com que me vire para ele.

— O meu próprio quarto? *Sem* grades?

Ajeita uma madeixa húmida de cabelo atrás da minha orelha.

— Sem grades. Apenas o teu próprio quarto onde podes relaxar e ficar segura — diz ele baixinho. — Estava a falar a sério. Eu estava errado e vou compensar-te, Auren. Agora vem. Deves estar cansada.

Deixo que Midas me pegue na mão e me guie para fora dos aposentos dele até ao corredor. Acenando com a cabeça para alguns guardas, abre a porta em frente à dele. Entro com ele e olho em volta pelo quarto escuro, embora tudo o que consigo ver à luz fraca do luar seja uma cama almofadada.

Largando-me, Midas avança até à parede e fecha as cortinas, enquanto me deito na cama. Mal tenho energia para puxar as cobertas para trás antes de me enfiar num colchão de penas.

Fico tensa ao sentir a cama baixar quando Midas se deita ao meu lado. Ele não perde tempo e puxa-me para ele e ajeita-me de modo a que a minha cabeça se encoste ao peito dele. Pareço um bloco de gelo encostado a ele, recusando-me a derreter, querendo afastar-me.

— Relaxa, Auren — ordena-me. — Agora descansa. Eu fico aqui até adormeceres.

Quase deixo escapar uma gargalhada. Isso é tão reconfortante quanto dizerem-me que há um monstro debaixo da cama, mas este está deitado nela comigo.

Mas o meu cansaço vence a teimosia.

Centímetro a centímetro, acomodo-me nos braços dele. No entanto, quando ele começa a afagar-me suavemente o braço cerro os lábios com força. Sou invadida pelo ódio e pela tristeza, mas tento afastar as emoções que crescem dentro de mim como uma nuvem insuflada.

Dormente. Preciso de ficar dormente. Sem sentir, sem me importar, por trás de uma parede espessa onde ele nunca mais possa afetar-me.

— És a minha rapariga preciosa. — É um murmúrio no escuro, uma persuasão que se escapa dos lábios ensombrados dele.

Odeio que ele seja bom nisto. Não quero que me agarre e, no entanto, foi tudo o que quis durante tanto tempo, e ele sabe-o. E é por isso que uma lágrima lenta e fria escorre pela minha face e aterra na túnica dele enquanto me afaga o cabelo.

— Amo-te, Auren.

Mentiroso.

Que mentiroso falso, calculista e desonesto.

— Senti falta disto — diz ele com um bocejo. Talvez essa parte seja pelo menos verdadeira para ele, ou talvez seja mais uma falsidade para me atrair.

Seja como for, concedo-me este momento. Apenas este. Pela rapariga inocente que perdeu o amor que pensava ter, deixo-a ter isto. Pois isto… isto é a despedida silenciosa dela.

Sob a minha raiva e o torpor estão os pedaços doridos de um coração partido. E essa parte de mim, essa rapariga de olhos arregalados e completamente apaixonada, está de luto sob a minha raiva amargurada.

Portanto, para essa parte minha, expiro um fôlego que vibra como um trovão. Depois encosto o meu ouvido ao peito dele por uma última vez, para ouvir a canção que pensei tocar só para mim.

Foco-me no batimento constante, e cai-me mais uma lágrima com o seu ritmo enquanto ele me afaga o cabelo, pois não é amor que ouço. É meramente um controlo possessivo. É tão alto que não acredito não o ter ouvido antes.

— Estás de volta aonde pertences — declara ele.

Fecho os olhos, as pestanas molhadas como gotas de orvalho na minha face.

Se mudássemos de posição, se fosse a cabeça dele encostada ao meu peito, será que ele ouviria? Ouviria o som do meu coração e saberia o que significa? Reconheceria o desprezo lírico?

Adormeço a ouvir a batida constante dos nossos peitos, as duas músicas desemparelhadas que nunca tocarão em sintonia. Deixo aquela rapariga em mim libertar-se batida a batida, despedindo-se da sua própria forma silenciosa.

Quando acordar, vou certificar-me de que o meu coração endureceu. Quando a manhã chegar, vou certificar-me de que apenas toca uma canção *para mim*.

CAPÍTULO 4

REI MIDAS

Sentado no interior da pérgula de ferro, estou pensativo enquanto observo, abstraído, os homens a trabalhar pelo pátio. Acho o ar frio do Quinto Reino refrescante, perfeitamente aguçado para trazer clareza. O banco é acolchoado com couro enchido de palha, que provavelmente foi confortável a certo ponto, mas que há muito ficou achatado.

Pousado ao meu lado, o meu livro-mestre é como um par de olhos a lançar-me um olhar fulminante. Lá dentro encontram-se todos os meus apontamentos, todos os meus planos, coisas que precisam de ser feitas. Está escrito num código que uso só para mim, embora o mantenha sempre comigo. Não se pode confiar nas pessoas, por isso nunca se é demasiado cuidadoso, e tenho muita coisa em jogo.

As exigências de governar não apenas um reino, mas dois, pesam bastante sobre os meus ombros. Todas as coisas que tenho de fazer tornaram-se numa pressão incessante que zune na minha cabeça durante todas as horas do dia.

Agora que a Auren está outra vez comigo, posso focar-me mais ardentemente em Ranhold. Precisa da atenção.

Protelei as lamúrias com facilidade, mas sei que não vai durar. Trouxe ouro suficiente comigo para a transição, mas as pessoas começam a ficar inquietas. Há murmúrios pelos corredores. Perguntam-se por que razão o Rei

Dourado ainda não transformou tudo em ouro. A minha desculpa de respeitar Ranhold e permitir tempo para o luto já está praticamente esgotada e a minha provisão de moedas juntamente com ela.

Preciso da Auren para voltar ao trabalho. No entanto, sei que devo lidar com ela tão delicadamente quanto lido com a política daqui. Tenho dúzias de fios que estou a atar em simultâneo, todos eles requerendo concentração e *finesse*.

Razão pela qual continuo a vir aqui à pérgula, onde o ar belisca o suficiente para aplicar uma trela à minha concentração.

Ao ouvir o som constante de um martelo a bater, os meus olhos varrem as esculturas no exterior. O pátio está repleto delas. Em cima de pedestais de pedra a cada poucos metros, os blocos de gelo estão esculpidos em parecenças elaboradas.

Do meu ponto de vista, consigo ver uma transformada em salgueiro; noutra, um dragão de asa de madeira com a bocarra aberta num grito feroz. Ao lado, uma deusa sensual com os braços estendidos para o céu, vestido drapeado sobre curvas em forma de ampulheta. Cada escultura é incrivelmente detalhada, algumas tão altas que os artistas precisam de escadotes para trabalhar nelas.

Com cinzéis, martelos e trapos de lustro, os homens asseguram meticulosamente que cada peça se mantém em condições excelentes. Os escultores estão sempre a trabalhar, seja na criação de mais esculturas ou na preservação das que já fizeram.

Consigo perceber que se sentem desconfortáveis por serem observados por mim, mas mantêm o olhar nitidamente desviado, trabalhando sem parar. Estou prestes a pegar no meu livro-mestre novamente quando um trabalhador novo sai, com o seu uniforme púrpura a condizer com os outros.

Os meus olhos fixam-se nele de imediato e, por um instante, tenho de pestanejar para separar o que estou a ver do que vi outrora.

Com um cinto de ferramentas de artesão em volta da cintura, dirige-se para a escultura de uma espada pousada na ponta e começa a poli-la com um pano, limpando a neve que ali se juntou.

É careca, com quatro rugas proeminentes na testa como as riscas de um tigre. Tem o maxilar áspero de um homem que poderia esconder uma boca escarnecedora por trás da sua barba branca farta, embora eu esteja demasiado afastado para ver se é esse o caso ou não.

Enquanto observa a sua peça, vasculha pelo cinto de ferramentas antes de lá sacar um par de óculos e os colocar no nariz. Solto um silvo aguçado pelos dentes quando o vejo.

Parece-se com o meu pai.

Não é ele, claro. A não ser que tenha feito um acordo com os deuses para se reerguer dos mortos. Mas a barba, a cabeça calva, a pele morena, aqueles malditos *óculos*, até a forma como os nós dos dedos seguram o martelo, tudo me lembra de quem me deu a vida.

Silenus Midas.

Sile para toda a gente, pai para mim, embora *pai* seja um termo usado *muito* livremente. Não passava de um bêbedo da aldeia que às vezes conseguia cambalear para fora de casa para fazer trabalhos de carpintaria na cidade.

Quanto a mim, eu era apenas o filho bastardo que ele desprezava. Ele odiava ter tido de sacrificar parte do seu dinheiro em comida e roupa para mim, quando preferia gastá-lo em cerveja.

Não estou certo de o ódio estar na minha natureza ou se ele o alimentou, mas era algo que tínhamos em comum um pelo outro. Nunca conheci a minha mãe, mas também a desprezava.

Pelos vistos, era estouvada. Uma mulher solta que se meteu demasiado nos copos uma noite e acabou na cama do Sile, parindo-me nove meses depois.

Assim que nasci, ela abandonou-me à porta dele com um jarro de vinho e seis moedas de ouro, e nunca mais olhou para trás. O Sile ou não conseguiu apanhar-lhe o rasto ou não se deu ao trabalho de o fazer.

Não estou certo do que mais detestava nele. A preguiça, a embriaguez ou a tendência que tinha para me espancar.

Na verdade, talvez o que eu odiasse mais era o facto de ele ser uma piada para as pessoas da aldeia. Para onde fosse, era seguido por escárnio, gozo ou pena.

Eles deram-me o mesmo tratamento. Eu não era nada. Apenas o filho bastardo de um bêbedo bastardo, demasiado pobre para esfregar duas moedas de cobre, e nunca iria escapar àquela pobre desculpa de vida.

Foi por isso que mal me tornei um adulto oreano legal roubei um jarro de vinho — um tributo fingido à minha mãe — e deixei-lho na cama suja dele na nossa cabana minúscula e em ruínas.

Não demorou muito tempo até ele beber até cair. Demorou-me ainda menos tempo provocar uma faísca com sílex e pegar fogo à barraca degradada a que chamávamos casa. O tempo estava sempre quente no Primeiro Reino.

— Meu senhor?

Desvio o olhar do escultor e encontro o meu conselheiro principal de pé junto à pérgula, entre as balaustradas de ferro.

— O que se passa, Odo? — pergunto, pegando no livro-mestre e enfiando-o no bolso interior do meu colete.

— Meu rei, temos um problema.

Estreito o olhar.

— O Príncipe Niven?

O filho de Fulke é um fedelho choramingas que provou ser um caso difícil. Mais um assunto delicado com que tenho de lidar com cuidado.

— Não é o príncipe — diz o Odo enquanto fica ali com um ar embaraçado, olhando em volta para se assegurar de que não há ninguém por perto. Além dos escultores, foi dito aos meus guardas para esperarem à entrada do castelo onde seis deles estão de vigia.

— Então o que é? — pergunto, num tom irritado por ter sido interrompido.

— É a sua esposa, Majestade.

Os meus ombros contraem-se com a tensão.

— Humm. Recebeste uma mensagem, finalmente?

— Sim, mas não dela.

Olho-o fixamente enquanto espero que divulgue a informação.

O Odo inclina-se para a frente, apoiando o braço no corrimão para não ser ouvido. Até as esculturas de gelo têm ouvidos no Quinto Reino.

— Aparentemente, a pausa nas comunicações não se deveu às tempestades que caíram sobre Sino Alto. A rainha interrompeu propositadamente toda a correspondência de e para o castelo. Todos os falcões mensageiros que enviei regressaram finalmente, nenhum deles transportando qualquer missiva.

Volto a sentar-me, virando a cabeça para a frente enquanto a minha mente trabalha, tamborilando o dedo na coxa.

— O que anda a Malina a tramar? — resmungo para comigo. Não posso dizer que me surpreendo por ela estar a tramar algo, não após me ter confrontado sobre o meu plano de trair Fulke, mas *estou* surpreendido com o atrevimento dela.

O Odo continua:

— Os vossos olhos em Sino Alto alegam que a rainha tem aparecido na cidade. Foi vista a distribuir bens ao povo, embora eu tenha ouvido dizer que houve alguns problemas com dissidentes.

— Ela foi à cidade fazer *caridade*? — digo, incrédulo. A Malina nunca se preocupou com o povo de Sino Alto a não ser que tivesse um propósito específico.

Quando alguns dos escultores olham na direção da minha voz, levanto-me e saio da pérgula. O Odo apressa-se a acompanhar-me enquanto percorro o caminho de pedra, ignorando os meus guardas à porta.

— Também tem havido falatório entre os nobres de Sino Alto — diz-me o Odo ao atravessarmos a entrada larga do palácio. Os meus passos são

silenciados pelo tapete púrpura comprido, as paredes de vidro e pedra iluminadas por uma janela em forma de estrela de dez pontas emoldurada por arcos de madeira no teto.

— O que dizem eles? — pergunto enquanto me viro repentinamente para a escadaria que leva aos meus aposentos. Por agora, continuo na ala dos hóspedes. Com o Niven vivo e a morte de Fulke ainda fresca na memória, é o melhor a fazer pelas aparências. Por agora.

A respiração do Odo torna-se ofegante enquanto corre atrás dos meus passos rápidos escadas acima.

— Que a rainha começou… bom, começou a usar branco, Majestade.

Paro repentinamente, virando-me para trás para o enfrentar com o sobrolho franzido.

— O quê?

O Odo agarra-se ao corrimão das escadas, arfando antes de responder.

— Ela não está a usar dourado em público, Vossa Majestade. Nenhum dos vestidos dourados. Nenhuma das coroas que tocou com ouro, até os guardas pessoais da rainha mudaram a armadura. Foi-me confirmado por várias fontes.

Cerro os dentes em frustração. Então é *assim* que a Malina pensa que me pode testar? Não se trata apenas de recusar envergar uma cor; o dourado é uma declaração do meu poder e reinado. Não se trata de uma mera mudança de guarda-roupa. Trata-se de uma mensagem.

— O que deseja que faça, meu rei?

Penso por um instante antes de dizer:

— Nada, por enquanto. Quero todos os relatórios na minha escrivaninha. Decidirei o que fazer com ela pela manhã.

— Muito bem, Majestade. E há também a questão dos pedidos de ouro. Continuamos a receber mais e mais todos os dias.

— Lembra a quem nos pede que o reino continua de luto. Não quero exibir o meu poder quando eles acabaram de perder o rei deles — digo com uma reprimenda rígida. — Quaisquer dívidas que este reino tenha, pagá-las-ei. Quanto aos nobres que querem encher os bolsos, dá-lhes moeda, por enquanto.

— Acabou-se, meu senhor.

O meu rosto petrifica-se.

— *Acabou-se*? De tudo o que trouxemos?

O Odo tenta suprimir um esgar, mas sem grande sucesso.

— Bem, houve muitos pedidos. Todos queriam ter um sinal do vosso poder. Quase todos os pequenos ornamentos dourados que trouxemos também já se foram.

Cerro os dentes com tanta força que estalo o osso do maxilar. Estou a ficar sem tempo. Se não fizer em breve uma demonstração do meu poder, o meu domínio aqui pode enfraquecer, coisa que não pode acontecer.

Viro-me e volto a subir os degraus, mas a peste do meu conselheiro segue-me o caminho todo até aos meus aposentos privados. Com um olhar severo, os meus guardas encostam-se à parede, certificando-se de que nos deixam bastante espaço quando entro no meu quarto.

— Majestade, há mais uma complicação — diz o Odo baixinho, torcendo as mãos manchadas pelo tempo à frente dele, após fechar a porta atrás de nós.

Deixo escapar um suspiro repentino.

— O que foi agora? — Preciso de ler os relatórios sobre o que se passa em Sino Alto desde que parti. Preciso de lidar com a cabra fria da minha mulher.

Assim que souber os pormenores, poderei traçar um plano. Depois posso ir ver como está a Auren. Ela dorme há dois dias, claramente exausta do que quer que tenha sofrido às mãos do exército do Quarto. Deixei-a estar, enquanto ordenei que lhe entregassem todos os confortos que consegui imaginar. A mais suave das sedas, a mais fofa das almofadas. Enchi-a de livros e perfumes — até mandei que lhe entregassem uma harpa novinha em folha.

Espero que, assim que descanse, se sinta de novo ela mesma. Preciso de pô-la nos eixos, já que não me posso atrasar mais nas alterações ao castelo e em encher os cofres.

O domínio ténue que detenho sobre Ranhold depende de encher os bolsos dos nobres com ouro, lembrar a todos quem sou e porque seria do interesse deles apoiar a minha presença aqui. Já o fiz uma vez em Sino Alto, por isso sei como conquistar um reino. Primeiro, espalha-se riqueza, fascina-se os nobres e conselheiros com benevolência, é-se uma presença brilhante para os plebeus. E depois aperta-se o cinto pouco a pouco, tornando-os dependentes e desejosos, lutando entre si pelo favor do rei para que possam colher os benefícios.

Quando terminar, não haverá discussão quanto a quem quererão manter. Eu, que posso tornar o reino deles ofuscantemente rico, ou o filho pedante do rei morto.

— Como sabe, as selas foram observadas pelo reparador quando regressaram, como Vossa Majestade instruiu — informa-me o Odo.

Soergo uma sobrancelha.

— E…?

— O reparador acaba de confirmá-lo e mandou avisar de imediato. — O meu conselheiro penteia o anel de cabelos grisalhos na parte de trás da cabeça num gesto nervoso. — Parece que… uma delas está grávida.

Paro.

Todos os pensamentos travam bruscamente à medida que as palavras dele deslizam pela minha coluna abaixo. Passa um segundo até eu avançar e o agarrar pelo colarinho da camisa dourada.

— O que dizes?

Os olhos azuis leitosos do Odo arregalam-se, todo o corpo dele retesa-se quando o puxo até ficar em bicos de pés.

— E-ela alega que a criança é vossa, Majestade — sussurra ele prontamente.

Um filho bastardo…

Solto-o abruptamente e ele tropeça, apoiando-se na parede atrás dele.

— É óbvio que a puta está a mentir. Ela quer tentar chantagear-me em troca de ouro ou chamar a atenção. Ela quer algo, Odo, não passa disso. As minhas selas tomam as ervas. As ervas nunca falharam.

— Sim, Majestade, nunca no passado, mas o reparador confirmou…

Ergo a mão, cortando o ar e fazendo-o encolher-se de medo.

— Então, é porque ela fodeu outro. Ela esteve com o exército do Quarto e os malditos piratas da neve antes disso — saliento. — Dispensa-a imediatamente do meu serviço. Não quero uma sela infiel.

O Odo passa uma mão trémula pela frente da camisa, observando-me quando começo a andar de um lado para o outro.

— O reparador também não deu crédito às alegações dela, razão pela qual levou mais tempo do que o normal para me alertar. Ele queria ter a certeza, mas acredita que ela está grávida de quase três meses, o que significaria que ainda estava em Sino Alto quando foi fecundada.

A minha mente dá voltas, num latejar que bate na minha cabeça como o martelo do escultor, um cinzel no meu crânio que o lasca até à irritação. Não gosto de surpresas.

As minhas selas eram quase tão protegidas quanto a Auren. Eu tinha uma rotação bastante rígida de guardas. Nenhum deles se atreveria a foder as minhas selas às escondidas. Anoto mentalmente para mudar os guardas também, nunca se sabe.

Se o reparador estiver correto quanto à cronologia, se a criança for de facto minha…

— Quem mais sabe disto?

— Ninguém — assegura-me ele. — O reparador veio ter diretamente comigo, Vossa Majestade.

Assinto com a cabeça, abstraído.

As mãos do Odo não param enquanto me observa a pensar.

— Gostaria que eu fizesse algo?

— Por enquanto não — respondo. — Estás dispensado.

O homem faz prontamente uma vénia e apressa-se a sair, sem dúvida grato por deixar a minha presença.

Agora que estou só, dirijo-me à escrivaninha e apoio as mãos no tampo, os olhos fixos na pilha arrumada de papéis, embora não veja realmente nada disso. A minha mente está demasiado ocupada a traçar um plano como um marinheiro cartografa as estrelas.

Os meus dedos fletem sobre a madeira, os nós dos dedos perros de irritação. Malina, Auren, a puta — *todos* os meus problemas são causados por malditas mulheres, pelo Divino. É exatamente por isto que não se pode confiar nas mulheres. Aprendi isto com a minha mãe.

Estou a fazer um trabalho importante e não posso permitir que nada me desvie do caminho.

Fui eu quem tirou Sino Alto da dívida e o transformou no símbolo da riqueza brilhante e da prosperidade. E agora a Malina atreve-se a testar-me? Ela não passa de uma mulher amarga e imprestável, incapaz sequer de me dar um herdeiro. Tem sorte por eu ter casado com ela e de lhe ter permitido manter a coroa.

Sou invadido por reminiscências — do meu pai, das crianças da aldeia a rirem de mim, da paróquia a expulsar-me por ser impuro, dos lojistas a sussurrar «bastardo» aonde quer que fosse.

É este o agradecimento que recebo depois de todos estes anos a cumprir o meu dever e a tentar emprenhar aquela mulher frígida.

Eu *sabia* que a Malina era a infértil.

Agora, emprenhei uma sela. Os meus dentes rangem uma e outra vez.

No entanto, à medida que a minha mente percorre estes fios que foram acrescentados à minha mão, vejo a possibilidade de novos nós. Nós que podem ser exatamente aquilo de que preciso para controlar o meu reinado.

Um filho pode ser uma coisa poderosa. Afinal, nada há como um bebé para tornar a família real estimada pelo público. Pode até ajudar a solidificar o meu governo aqui. Se pelo menos não se tratasse de um maldito bastardo…

Endireito-me, deixando cair as mãos ao meu lado enquanto sorrio.

Não, do que preciso é de um *herdeiro.*